



cecup

Centro de Estudos da Cultura Popular

1

Histórias Populares de Jaraguá



Dr^a Lucia Freitas

Dr. NILTON DE ASSUNÇÃO
CRO - 994 - CFC - 04.000.000-116
Cadastral 881.540
Av. Cel. Tubosino Reis n^o 606
- Jaraguá - GO -

Histórias Populares de Jaraguá

Histórias Populares de Jaraguá

ORGANIZAÇÃO E REDAÇÃO FINAL

Ione Maria de Oliveira Valadares

Nei Clara de Lima

PESQUISADORES DO CECUP

Clyce Louise Wiederhecker
Ione Maria de Oliveira Valadares
Luis Araújo Pereira
Maria Tereza Canesin
Nei Clara de Lima
Sidney Valadares Pimentel
Telma Camargo da Silva

Endereço:
Sala 54 A — ICHL - 1
Universidade Federal de Goiás — Campus II
74.000 — Goiânia — Goiás

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA — PRONASEC/RURAL
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE GOIÁS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
EDIÇÃO DO CENTRO DE ESTUDOS DA CULTURA POPULAR — CECUP

ORGANIZAÇÃO E REDAÇÃO FINAL:
Ione Maria de Oliveira Valadares
Nei Clara de Lima

COLETA DE INFORMAÇÕES:
Ione Maria de Oliveira Valadares
Margareth de Lourdes Oliveira Nunes
Maria Luiza Nogueira Costa
Maria Teresa Canesin
Maria Zaira Turchi
Mary Iukie da Cruz
Nei Clara de Lima
Telma Camargo da Silva

REVISÃO DOS ORIGINAIS:
Sidney Valadares Pimentel

PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÕES E CAPA:
Laerte Araújo Pereira

Valadares, Ione Maria de Oliveira, org.
Histórias populares de Jaraguá
organizado por Ione Maria de Oliveira
Valadares e Nei Clara de Lima. Goiânia,
Centro de Estudos da Cultura Popular,
ICHL, UFG, 1983.
164 p. ilust. (Col. Histórias Populares, 1)

1. Literatura Oral - Jaraguá. 2. Literatura Oral -
Goiás. I. Lima, Nei Clara de, org. II. Título.

EDU: 398.5 (817.3)
CDD: 398.209817.3

© Copyright by
Centro de Estudos da Cultura Popular - CECUP.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
1983

Agradecimentos

Agradecemos aos seguintes moradores de Jaraguá,
que possibilitaram a elaboração deste trabalho,
contando pacientemente suas
experiências e histórias:

Cecília Pereira de Souza, 75 anos, Costureira.
Gaudêncio Rodrigues da Silva, 56 anos, Lavrador.
Jeromina Rodrigues de Amorim, 71 anos, Fazendeira.
José da Conceição Macedo, 75 anos, Cambista.
Limiro Rodrigues do Prado, 75 anos, Lavrador.
Manuel Marcelino da Silva Alvares,
84 anos, Comerciante aposentado.
Maria Raimunda de Brito Bastos, 85 anos, Do lar.

Prudêncio Alves, 48 anos, Carroceiro.
Sebastião Chagas Leite, 82 anos,
Funcionário público aposentado.

“Eu sei história, mas... Eu sabia demais mesmo, mas agora esqueci, porque num tem ninguém pra contar. Esqueci. Esqueci a metade das histórias, mas eu podia contar noite inteirinha, noite inteirinha.”

Maria Raimunda de Brito Bastos. 19/01/1982.

Sumário

Apresentação.....	11
Introdução.....	13
1. Mané Criatura.....	17
2. É o lobisomem!.....	21
3. O sobrado arruinado.....	27
4. O homem que misturava água no leite.....	33
5. A missa dos mortos.....	37
6. A casa assombrada.....	41
7. Depois que o galo cantou, silenciou tudo.....	45
8. O cavaleiro da Rua das Flores.....	49
9. A espera.....	57
10. A procissão dos mortos.....	63
11. O cadáver de Zé Alves.....	67

12. Um caso de mistério.....	75
13. A vaca misteriosa.....	79
14. A enchente.....	85
15. A raposa e o lobo.....	93
16. O macaco, a onça e o coelho.....	97
17. A história do lobo.....	103
18. Maria Borracheira.....	111
19. O verde pássaro louro.....	119
20. Branca de Neve.....	131
21. Sabina.....	141
22. A fuga da princesa.....	149
23. História de Pedro Malazarte.....	157

Apresentação

No ato de viver, as pessoas criam suas festas, danças e rezas, que se relacionam com o seu trabalho e representam maneiras diferentes de enxergar o mundo. Elas mantêm vivas todas essas coisas, passando-as umas às outras, dos mais velhos aos mais novos. É a sabedoria popular.

Com o propósito de contribuir para a preservação desta sabedoria popular e da sua memória, o CECUP integrou-se à proposta do MEC, através de convênio firmado entre a UFG e a SEC-GO., de desenvolvimento de um projeto de pesquisa, denominado "Biblioteca da Vida Rural Brasileira".

O objetivo deste projeto é produzir livros de suplementação de leitura para as escolas da zona rural, no sentido de

valorizar a cultura regional e popular.

Durante os anos de 1981, 1982 e início de 1983, pesquisadores do CECUP fizeram levantamento de alguns aspectos de certas manifestações culturais da cidade de Jaraguá,¹ primeiro município escolhido para a realização deste trabalho, que continuará por outras cidades do ciclo do ouro em Goiás.

Do levantamento feito no município de Jaraguá resultaram duas coleções — Religiosidade Popular e Histórias Populares — que poderão ter continuidade na medida em que o projeto for desenvolvido em outras regiões.

1. O município de Jaraguá está a 142 Km de Goiânia, a centro-sul do Estado de Goiás, na microrregião 354 — Mato Grosso de Goiás — segundo classificação da Fundação IBGE (1968). Ele limita-se com os municípios de Goianésia, Pirenópolis, São Francisco de Goiás, Santa Rosa de Goiás, Itaguaru, Uruana, Rianópolis, Riama e Ceres. O acesso a Brasília, que está a uma distância de 235 Km, é feito através da BR-060 e BR-155.

Introdução

Este livro apresenta histórias contadas por antigos moradores da cidade de Jaraguá e constitui a primeira publicação da Coleção Histórias Populares.

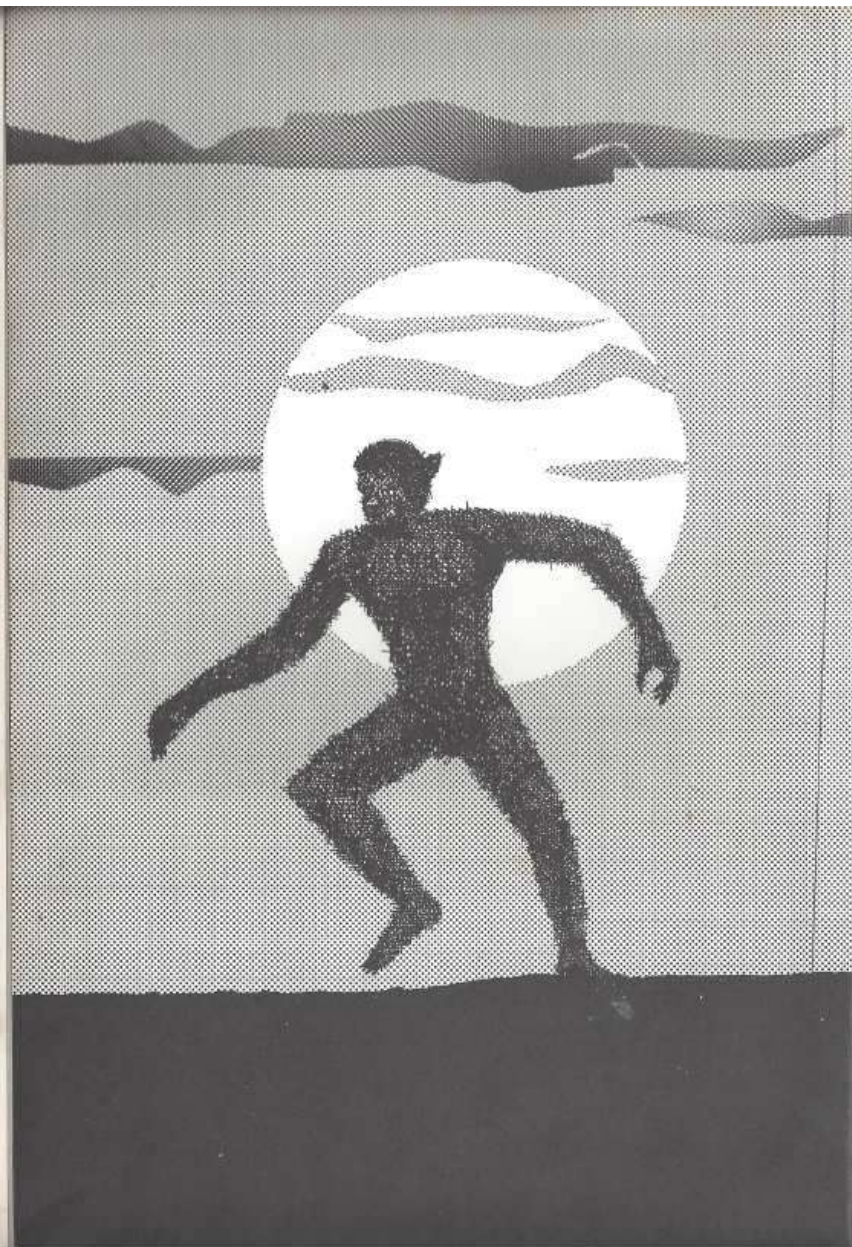
Estas histórias compreendem casos de assombração, de bichos, de princesas e outras mais, que ficaram guardadas na memória das pessoas. Elas expressam diferentes maneiras daquelas pessoas explicarem as experiências vividas por elas ou por outras pessoas do lugar, bem como apresentam recriações de casos conhecidos em outras regiões. Isto tudo constitui manifestações do saber popular dinamicamente recriado pelos seus agentes — os fazedores e contadores de histórias.

Com a preocupação de recolher as histórias de acordo

com o entendimento de seus contadores, os pesquisadores do CECUP procuraram não fazer nenhuma alteração no conteúdo das mesmas, apresentando-as na versão dada pelo informante durante as entrevistas. Assim sendo, o trabalho dos organizadores foi o de recolher e selecionar as histórias, respeitando o máximo possível a linguagem regional e evitando qualquer tipo de rigorismo gramatical.

“No tempo do meu avô tinha lobisomem, hoje não tem mais”.

Mané
Criatura



Meu avô contava que viu um homem virar lobisomem. No tempo do meu avô tinha lobisomem, hoje não tem mais. Ninguém fala mais em lobisomem.

Naquele tempo, gente virava lobisomem, ficava com as orelhas muito grandes, os dentes cresciam. Gente que fazia muita arte, depois virava lobisomem. As pessoas que comessem carne na sexta-feira ou na quarta-feira da Semana Santa, eram essas pessoas desonestas, que faziam coisas que não prestam, que viravam lobisomem.

Meu avô contava que ele já era casado, mas era muito novo ainda, quando o fato aconteceu, quando eles pegaram o lobisomem.

Aqui em Jaraguá tinha um homem. Chamavam ele de

Mané Criatura. Contavam que virava lobisomem. Que ele saía de noite, catando e comendo porcaria, cocô de galinha, essas coisas. No dia seguinte, ele amanhecia amarelo, descontente, doente.

Um dia meu avô, que morava na Rua das Flores, juntou outras pessoas e disse:

— Oh, hoje nós vamos triar esse tal que vira lobisomem. Pegaram um laço e levaram. Foram triar ele.

Mané Criatura saiu de sua casa e desceu pra banda do Rio Vermelho aqui. Chegando lá, ele arrancou a roupa tudo e virou, virou, virou. Quando levantou, era um bicho.

Meu avô diz que não ficaram com medo não. Eles estavam escondidos numa moita. No que eles viram aquilo, pegaram o laço e jogaram nele. Laçaram e levaram pra casa do meu avô. Vieram arrastando o lobisomem amarrado no arreio. Meu avô conta que ele urrava, urrava, rolando na poeira. E eles continuaram a puxar ele, até levarem prum curral que tinha na casa de vovô. Naquele tempo, na Rua das Flores, quase não tinha casa.

Então, amarraram ele no moirão de amarrar bezerro, vata, lá no meio do curral. Enrolaram a corda nele e amarraram ele. Xinxô ele lá.

Depois disso, o pessoal foi dormir.

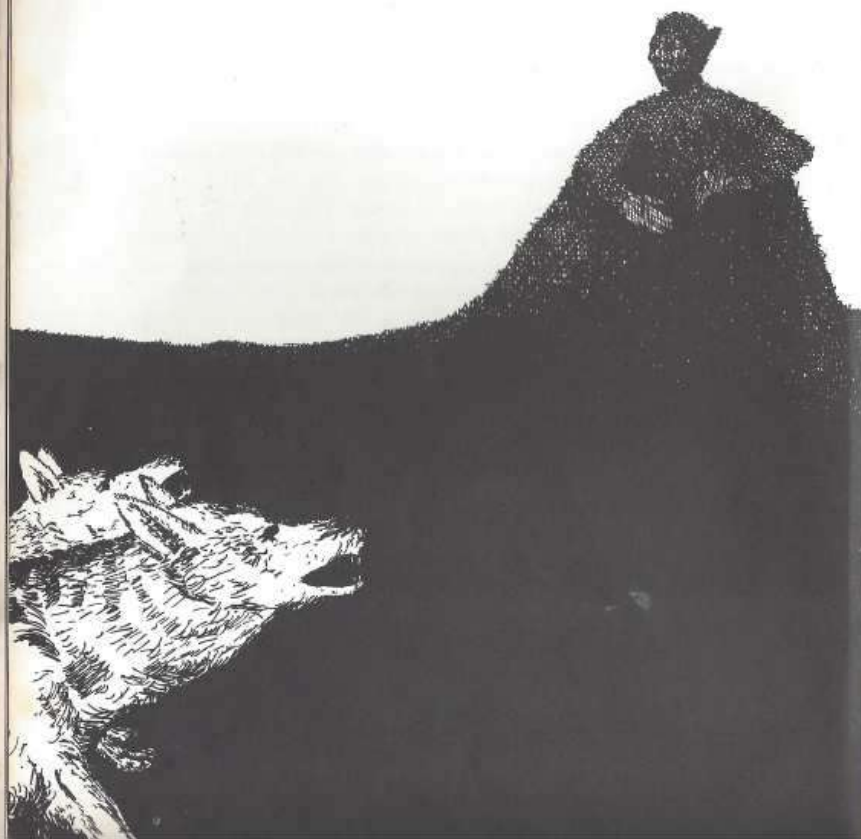
Quando foi no outro dia, eles foram ver. Tinha desaparecido aquela semelhança de bicho. Era ele mesmo, o Mané Criatura. Tava lá, nu e amarelo, estendido no chão.

Desse dia em diante, dizem que ele nunca mais virou o “Bicho”.

Cecília Pereira de Souza

28/02/1983

É o lobisomem!



Eu vou contar o que foi que aconteceu numa ocasião.

Eu era criança nesse tempo, criança de dez a doze anos, mais ou menos. A gente morava lá na pedreira, perto do cemitério e um dia minha mãe falou assim:

— Vamos lá no quintal, que tá vindo uma cachorrada latindo. Olha! Vamos lá ver o que é. Pode ser que estejam correndo atrás dum porco, uma coisa lá que nós podemos tirar...

E nessa hora que nós saímos lá pra fora da cozinha, eivinha um trem muito preto lá na frente. Parecia um lobisomem, essas coisas. Minha mãe, então, gritou comigo:

— Vamos pra dentro, meu filho! É o lobisomem!

Nesse meio tempo, aquela cachorrada passou assim pela

gente, indo até mais na frente e voltando depois. Naquele momento, então, o vulto sumiu, bem assim na nossa frente, sumiu.

Minha mãe disse:

— Uai, isso aí é o lobisomem...

No outro dia, nós fomos olhar o lugar da aparição, não tinha rasto, não tinha nada. Até os cachorros sumiram daquele lugar.

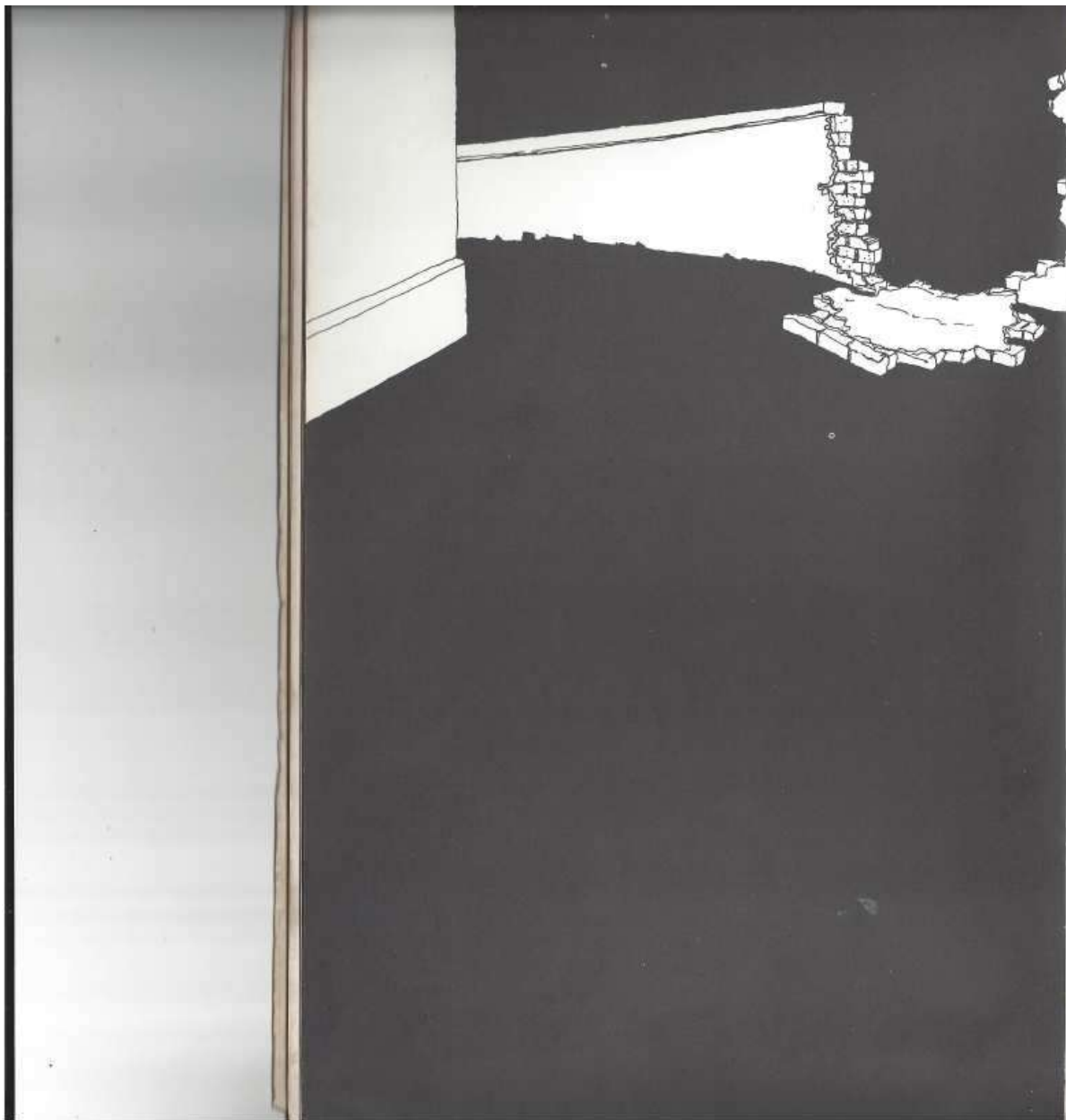
Isto aconteceu mesmo aqui em Jaraguá, na pedreira, perto do cemitério.

Prudêncio Alves
20/01/1982

“É uma assombração que o povo fala que houve. Mas podia ser um barulho qualquer...”

“Isso tudo é coisa do tempo vencido, porque agora, no tempo presente, ninguém fala mais nessas coisas.”

O sobrado
arruinado

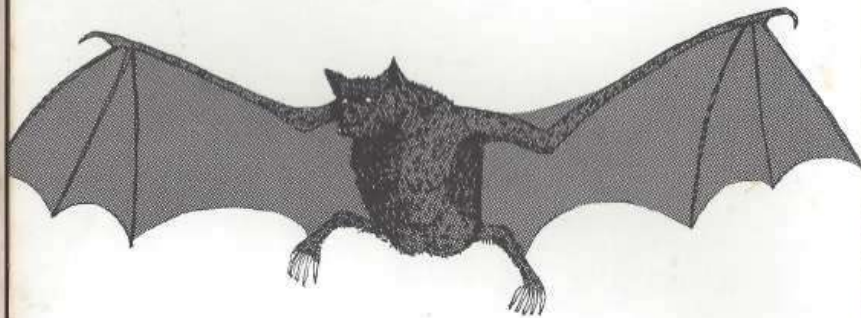


O Senhor Jonas era um homem muito rico. Foi um dos homens de maior fortuna em Jaraguá. Ele foi padrinho de minha mãe. Quando ela foi ficando mocinha, ele tomou ela pra ficar criando. Não era o caso dos pais dela não poder, mas porque ela era afilhada dele.

Ele morava lá em Chagas, numa fazenda.

Um dia, resolveu mandar construir um sobrado, aqui em Jaraguá. Dizem que era uma beleza! Veio trabalhador; pedreiro, de São Paulo e do Rio de Janeiro. Uma beleza! Minha mãe contava que era um luxo só!

Minha mãe então casou e se mudou dessa fazenda. E por causa de negócio de política, o seu Jonas ficou mal com o meu pai. Não freqüentava a casa dele, a não ser quando



meu pai estivesse fora. Então, aí, ele vinha. Sempre andava montado numa besta... vinha visitar minha mãe. De longe, quando ele vinha, da janela minha mãe dava sinal pra ele, avisando que meu pai não estava em casa. Então, ele chegava, conversava com ela e ia embora.

Um dia, ele adoeceu e morreu. Morreu em Bonfim. Depois dele ter falecido, minha mãe sonhou com ele. No sonho, ele apareceu pra ela, dizendo que precisava ter uma conversa com meu pai. Que a conversa era de interesse dele e de meu pai. Ela, em sonho mesmo, admirou: "Se eles eram mal, por que queriam conversar?" Ainda no sonho, ela disse que meu pai não tava em casa. Então ele disse que sentia muita pena, porque a conversa era de muito interesse dos dois.

Depois de acordada, ela lembrou do sonho e contou pro meu pai, que ficou admirado:

— Uai, ele era mal comigo, como é esse sonho? Mas isso tem fundamento!

Minha mãe então contou:

— Aí, no sonho, ele disse que você fosse lá no sobrado, lá encontraria com ele. Que você fosse na frente do sobrado...

E continuava explicando o que seu padrinho lhe havia dito no sonho:

— O sobrado já está arruinado. No oitão do sobrado, descendo dele, você vai encontrar um muro. Lá tem um muro caído, você então entra lá, no porão do sobrado e lá vocês se encontram.

Na noite seguinte, meu pai foi lá. Ele então se admirou, porque quando chegou lá, descendo o oitão, passou na frente do sobrado e viu que o muro, de fato, tava caído mesmo. Ele não sabia disso, ninguém saía mais pros lados do sobrado... Aí ele pensou: "Eu vou entrar lá." Pôs o pé em cima do alicerce do muro e olhou lá pra dentro. Tava muito escuro, tinha morcego voando. Então, ele teve receio e voltou. Ficou em frente do sobrado, pensando: "O que o sonho revelou tava na realidade... o muro..." E só não encontrou

com o falecido porque não foi lá no porão. Lembrou que no sonho o falecido havia falado que o encontro seria no porão e não na frente do sobrado.

O sobrado tinha um gradil, a porteira de ferro ainda existia lá... Então, meu pai pegou nela e a balançou. Nesse momento, ele ouviu barulho de passos que desciam a escada. E ele, que conhecia bem o sobrado, sabia o número de degraus que tinha na escada... foi contando. Quando faltavam uns três degraus, que os passos estavam pra chegar na cancela, ele não agüentou de medo e correu. Correu atravessando a praça, que existia em frente do sobrado. De lá, ele ficou ouvindo o barulho. Ele diz que parecia umas pancadas nos caibros do sobrado, batendo assim: "dom" ... "dom"... "dom"...

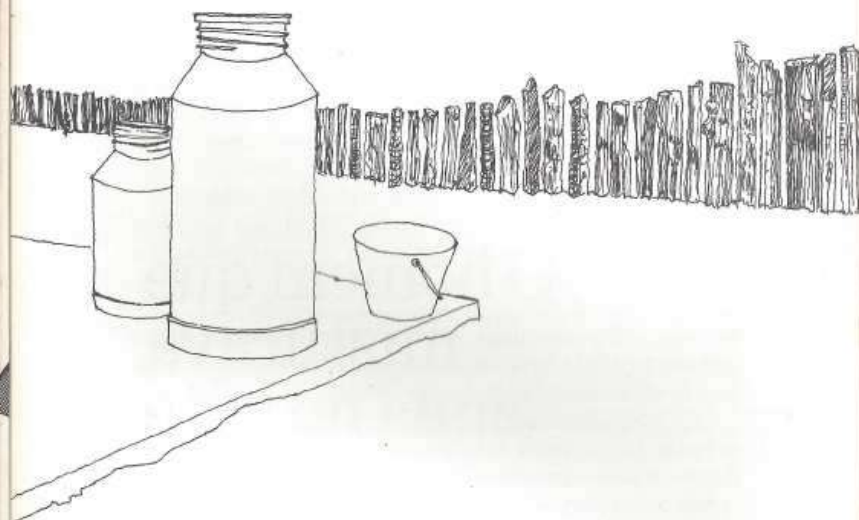
Aí, ficou realizado o sonho de minha mãe, mesmo que meu pai não tenha visto o falecido padrinho dela. E a realização maior do sonho foi verificar que o muro estava mesmo caído. Ninguém sabia que o muro tinha caído.

É uma assombração que o povo fala que houve. Mas também podia ser um barulho qualquer... Não seria um rato? Embora o barulho fosse muito grande e lá não morasse mais ninguém. Então, esse negócio desse sonho é contado aqui em Jaraguá, como caso de assombração.

A realidade é que o muro estava caído, como no sonho da minha mãe. E meu pai até podia ter um encontro com a alma do morto. Se ele acreditasse em espírito, podia ter um encontro. Porque ele não fez tudo que, em sonho, o falecido pediu... Que fosse lá debaixo do porão... Ele não teve coragem. Foi isso: com a realidade do muro caído que ele viu, ficou sem coragem de fazer tudo que estava indicado no sonho que minha mãe sonhou.

Sebastião Chagas Leite
05/01/1982

O homem que misturava água no leite



Esse caso foi acontecido em Babilônia. Tinha uns fazendeiros lá, que vendiam muito leite. Só que eles misturavam água no leite pra vender. Ficaram muito ricos de tanto vender leite misturado com água.

Passado um tempo, o dono desse negócio morreu. E o povo foi sabendo que ele maltratava muito os empregados, que esse homem tinha sido muito ruim. Antes mesmo dele morrer, os empregados foram largando ele, abandonando a fazenda.

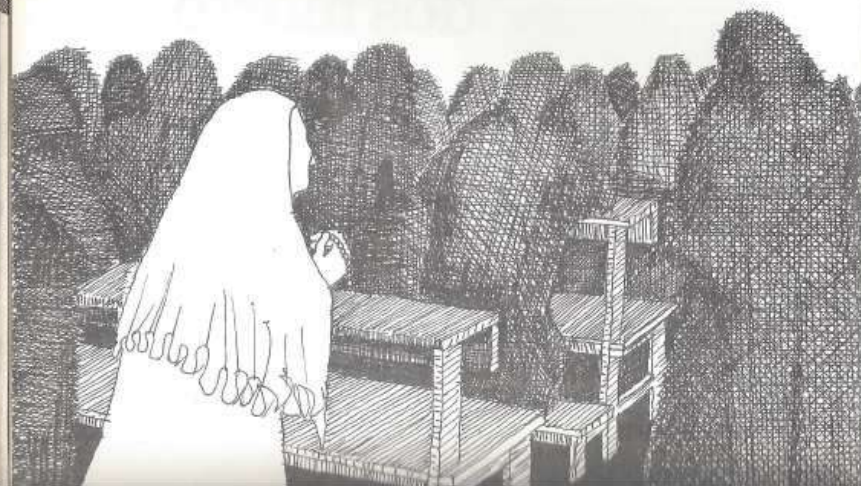
Depois que ele morreu, o lugar ficou assombrado. A fazenda ficou isolada. Mas, quando a gente passava lá, escutava aquela gritaria. Era a voz dele que dizia:

— Ai, comé que aparta o leite da água?!

Todo mundo que passava por lá, ouvia ele gritando:
— Ai, comé que aparta o leite da água?!
Um dia, um homem foi passando lá, ouviu aquilo e disse:
— Ah, eu vou lá gritar pra ele como é que aparta o leite da água.
Responderam pra ele:
— Você não tem coragem.
— Ah, eu tenho, eu vou.
Chegando lá, ele ouviu o grito:
— Comé que aparta o leite da água?! Comé que aparta o leite da água?!
Então ele respondeu ao grito:
— Como você misturou, você aparta.
Dizem que a assombração nunca mais apareceu lá. Depois disso, outras pessoas compraram a fazenda. A assombração aparecia antes porque aquele homem fazia coisa errada.

Cecilia Pereira de Souza
28/02/82

A missa dos mortos



Há muito tempo, aqui em Jaraguá, tinha uma velha que não saía da igreja. Ela vivia pensando em igreja, já tava até com barulho de sino na cabeça. Nesse tempo, as igrejas tocavam sino.

Um dia o sino da Igreja do Rosário bateu fora de hora. Bateu a primeira vez, segunda vez, terceira vez. Ela levantou e saiu. Foi pra igreja, pensando: “É hora d’eu ir pra missa, eu tô perdendo a missa”.

Chegando lá, ela ajoelhou, rezou. Depois olhou. Olhava um, olhava outro e não reconhecia ninguém. Falou assim:

— Meu Deus!

Com muito custo, olhou e viu. Reconheceu uma sua comadre, que caminhou para o seu lado e falou:

— Oh, comadre, a senhora tá aqui, mas aqui não é lugar da senhora não. Essa missa aqui é dos mortos. Até o padre está morto. A senhora pode ir embora.

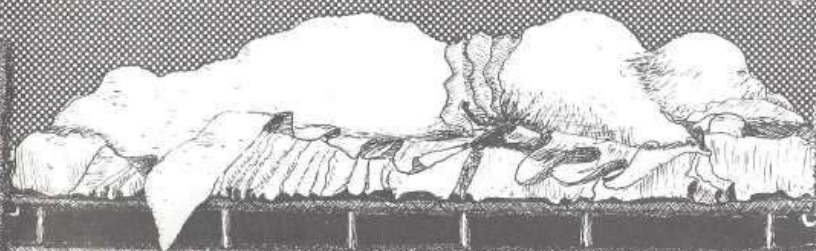
Aí ela lembrou que sua comadre já tinha morrido também. Era o espírito dela que tinha vindo falar com ela.

Ela saiu da igreja caindo das pernas. Desmaiou e caiu na porta da igreja.

Então, pegaram ela e levaram pra casa. Dizem que nunca mais quis sair fora de hora assim. Mas é que ela vivia escutando aquele sino diariamente, era muito religiosa, decerto já tava caducando.

Cecilia Pereira de Souza
28/02/1983

A casa
assombrada



Esta história aconteceu na casa da Comadre Lola, na Cachoeira.

A gente estava deitado na cama, quando eu vi... Veio vindo... caminhando assim... aquele caminhadão pesado. Veio, chegou lá, mexeu nas panelas e voltou pra trás... Quando "ele" chegou pertinho de mim, eu fiquei quieto assim. "Ele" veio no meu ouvido e soprou. Quando soprou, eu pulei em pé, pulei já rezando o Creio em Deus Padre. Foi aí que "ele" deu um gemido triste!...

Muitas vezes isso acontecia lá nessa casa. Quando eu deitava na cama, ouvia um caminhado em riba da casa... Chegando lá pra ver quem era, não via nada, nem tinha ninguém. Lá tinha isso demais da quantia.

Outras vezes, vinha uma pessoa, arrastando um laço,
pulava a janela... A gente olhava, não via nada. Era uma
coisa mais esquisita do mundo!

José da Conceição Macedo
20/01/1982

Depois que
o galo cantou,
silenciou tudo



Eu sou um homem que toda a vida não tive muito medo não. Mas eu já vi muita coisa esquisita. A pior coisa que eu já vi no mundo, foi na ocasião que mataram um tal Ramiro, aqui de Jaraguá.

Foi assim: um dia, eu cheguei na casa desse tal Ramiro, que tinha sido matado. Quem me atendeu foi o irmão dele. Eu pedi um pouso e expliquei que estava perdido. Ele disse:

— Eu dou o pouso pra você, mas o Joaquim, povo do Pereira, diz que vem cá hoje pra acabar com a família toda.

Então eu falei:

— Nada acontece mais do que tem que acontecer.

E saí para desarrear o burro e vim fazer uma cama pra

mim. Fiz a cama bem no rumo da porta da rua...

Assim que eu deitei, escutei um barulho de gente chegando. Primeiro, eu dei um assobio pra alertar o irmão do dono da casa. Falei depois:

— Eivém o povo aí!

E fiquei pensando... “Agora deu...” Eu tinha um revólver, que tratei logo de segurar na mão. Falei:

— É só abrir a porta e eu atirar... Agora, eu só tenho que atirar porque eu estou no meio da roda mesmo.

Foi aí que o barulho, chegando mais perto, chegando bem perto da porta, arroudeou a casa... Quando eu vi... tudo que foi prato que tinha na casa caiu no chão e foi aquele corre-corre e aquela danação! Falei:

— Mas aquele homem não acorda!... Gente, é uma assombração!

Voltei a deitar e do jeito que fiquei deitado, eu amanheci, daquele jeito, sem dormir. E ainda continuou aquele barulhão, aquela danação, que jogava os trem pr’aqui, jogava pr’ali.

Quando, então, o galo cantou, foi o mesmo que ouvir o povo todo de uma festa saindo tudo de uma vez só. Depois, silenciou tudo.

E eu fiquei esperando amanhecer o dia. Quando o dia amanheceu, peguei o burro, que estava até duro. Cheguei num vizinho e contei o caso. Eu falei:

— Zeca, isto que aconteceu aqui é uma assombração... Fala isso com esse homem.

Tinha assombração lá nessa casa! Neste dia, eu passei medo! Eu que não morro de medo! Nesse dia, meu corpo endureceu, ficou durinho de medo e de frio! Fiquei gelado... Eh dia que eu sofri!

José da Conceição Macedo
20/01/1982

O cavaleiro da Rua das Flores



Meu padrinho, de nome João, morava com minha avó, aqui na Rua das Flores. Foi ela quem criou ele. Quando ele ficou rapaz, quis se mudar da casa de minha avó, porque queria ter liberdade. Os velhos eram muito enérgicos. Não gostavam que ele ficasse até tarde na rua.

Em frente da casa de minha avó, tinha uma casa que era assombrada. Era de um pessoal que morava na roça. Então, ele resolveu alugar um cômodo, um quarto dessa casa e ficou dormindo lá.

O povo vivia falando pra ele assim: .

— Você vai ver... Você ainda vai ver assombração nessa casa.

Ele falava:



— Não tem nada. Eu não acredito nessas coisas não.

Respondiam:

— Tem um cavaleiro que vem e desce aí na porta. O cavalo vem ferrado e tudo. Você ainda vai ficar assombrado.

— Não acredito nisso não. Não tem essa bobagem não. E continuou lá nessa casa.

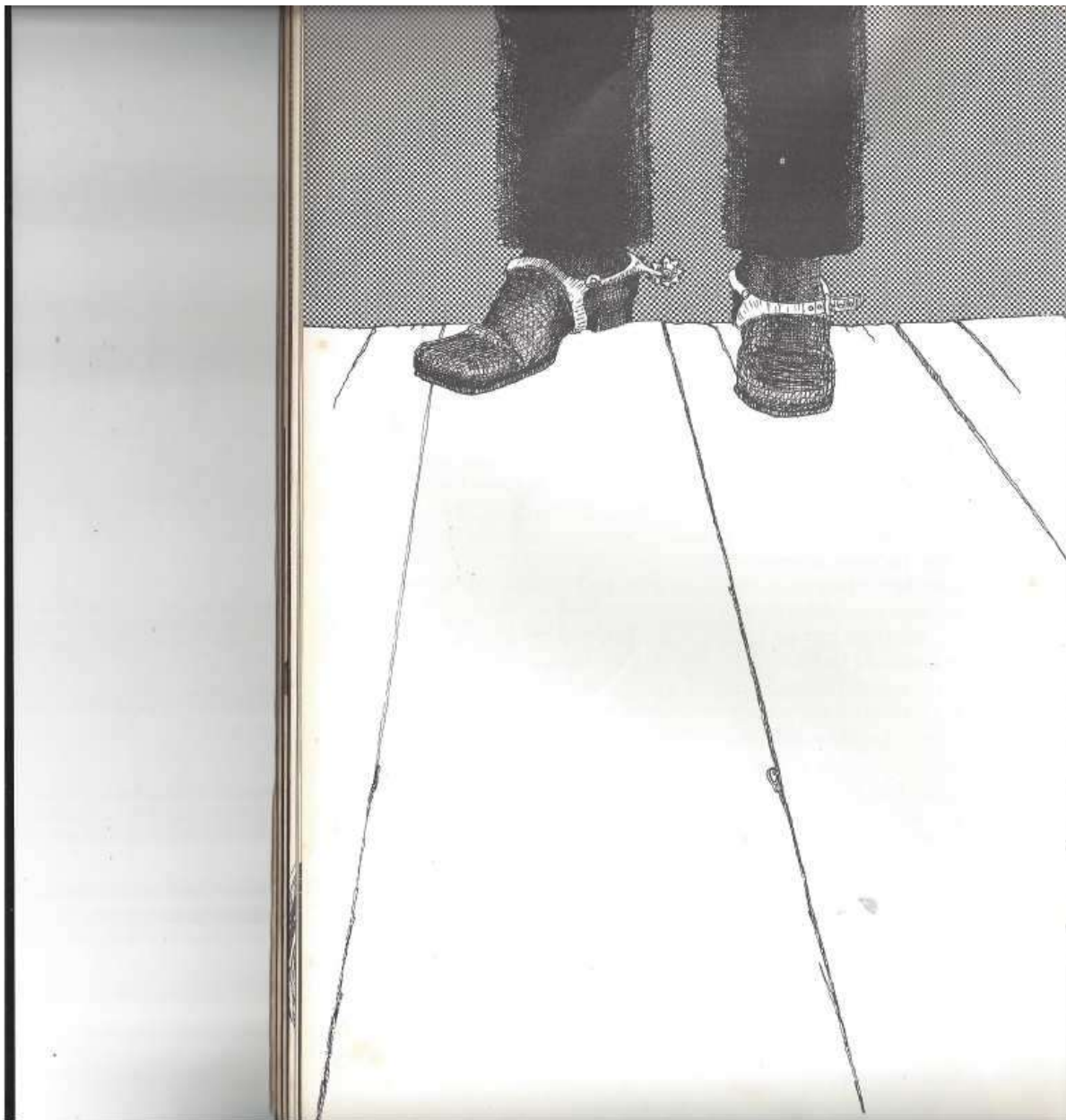
Quando foi um dia, era na quaresma e ele conta que chegou da rua, abriu a sala e entrou no seu quarto. Naquele tempo, não tinha luz aqui. Então, ele entrou no seu quarto e acendeu uma vela e pôs assim numa cadeira, na cabeceira da cama.

Ele estava sem sono e pegou um livro pra ler. Ele era muito ativo, muito ladino. Era professor aqui em Jaraguá. Então ele pegou um romance e foi ler. Ele estava distraído com a leitura, nem tava lembrando de assombração... Nesse meio tempo, ele viu... O cavalo veio... “pá”... “pá”... “pá”... de ferradura. Entrou na calçada... Na porta da casa, tinha uma pedrona grande assim... O cavalo veio, com aquele barulhão, bateu na calçada, fez “plá” na calçada. Nisso, ele escutou o cavaleiro descer, arrastando a espora.

Ele tinha certeza que a porta estava trancada. Ele tinha acabado de fechá-la. E o cavaleiro continuava a arrastar a espora entrando pela casa adentro. Ele pensou: “Eivém aqui no meu quarto”. Então ele abriu a janela e correu. Correu pra casa do meu pai. A casa do meu pai ficava perto da casa do meu avô. Tudo na Rua das Flores. Chegou lá só de cueca, chamando minha mãe e meu pai.

Minha mãe acordou meu pai. Ele sabia que João dormia sozinho lá nessa casa. Aí meu pai levantou na carreira, abriu a porta. João tava assim com os olhos arregalados, com medo. Entrou e disse pra minha mãe:

— O cavaleiro tá lá, tia. Entrou lá. Entrou lá dentro da casa. Não chegou a entrar no meu quarto, mas eu ouvi o arrastar de espora dele. Ouvi o barulho tudo, o cavalo até soprando na porta! Ouvi o barulho da ferradura batendo na pedra!



Contou ainda o que pensou na hora:

— Eu vou é sair daqui, porque se eu ficar aqui, ele vem cá no meu quarto.

A casa de mamãe era pequena. Não tinha lugar pra pôr ele, não tinha mais uma cama pra dar a ele. Nem uma rede não tinha. Aí meu pai disse assim:

— Vamos lá, João.

Meu pai e ele saíram, foram lá pegar o colchão dele. Chegaram lá, a porta tava trancada e a janela aberta. Abriram a porta, pegaram o colchão, fecharam a janela e a porta e vieram embora. Nesse dia, ele dormiu lá na casa do meu pai.

Desse dia em diante, ele não quis pousar lá nessa casa mais não. Voltou pra casa do meu avô e largou de muita farra que ele fazia.

Muita gente andou vendo esse cavaleiro descendo lá nessa casa. Dizem que era o marido da mulher que morava lá. Falam que esta mulher não era assim muito séria. O marido dela morava na fazenda e vinha à noite pra ver se ela tava andando direito. Então, quando ele morreu, ficou fazendo essa arte aí, fazendo assombração.

Mas isso tudo é coisa de tempo vencido, porque agora, no tempo presente, ninguém fala mais nessas coisas. A casa onde aconteceu isso, ainda existe, no mesmo lugar. Agora, mora outra família lá, que nunca contou nada.

Cecília Pereira de Souza
28/02/1983

A espera

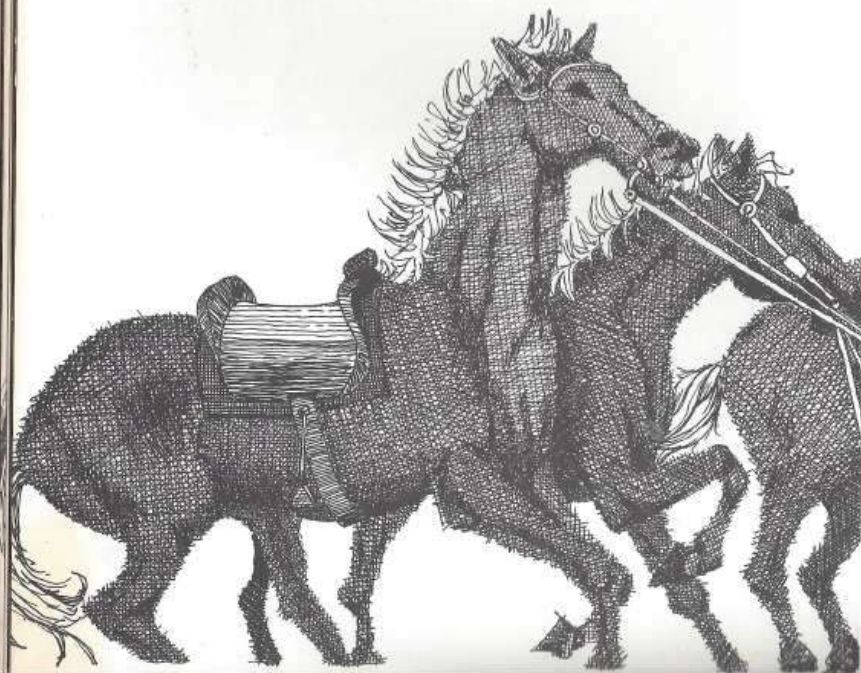


Uma vez, eu fui numa espera aqui, na beira do Rio das Almas. Eu, Zé Pedro e Benzeca.

Nesse lugar tinha uma estrada e beirando ela, passava os fios da linha telefônica, que seguia para o sítio do Coronel Tubertino. Era tempo de brotar a flor de papeira, da caraíba, que é uma flor amarela... Nesse tempo, os veados gostam de sair pra perto desses arvoredos.

Chegando lá, então, eu subi num pé dessa árvore, caraíba, o Benzeca noutro e o Zé Pedro noutro. E a estrada passava bem no meio assim de onde a gente estava. Passada meia hora que a gente estava subido no pau, ouvimos o estouro de um tiro dado lá pra baixo: "Bei"!!!

"Ah, aquilo, com certeza, foi o Teófilo que deu um tiro



lá numa anta, decerto..." Pensei e não falei isso com ninguém.

Daí um pouquinho, comecei a ouvir um grito. O grito veio subindo, veio subindo, subindo... Parecia que vinha um vento junto, pois a caraíba abaixava os seus galhos. Eu fiquei quieto, em cima do pau... Aí, quando chegou, o "bicho" passou por nós, mais parecendo um cargueiro, carregado com uma bruaca, fazendo "jau"... "jau"... "jau"... Passou por nós e desceu lá para o lado do Rio das Almas. Passado um pouquinho, eu falei:

— Ó, Zé Pedro?! Benzeca?!

Os dois, todos os dois responderam:

— Vamos embora?

Falei:

— Vamos.

Descemos então do pau e caminhamos para a beira do Rio das Almas. Quando chegamos lá, os cavalos estavam assustados, com as orelhas erguidas pra cima.

— Vamos rezar, Zé Pedro, eu disse, rezar o Credo. Precisa. Esse "trem" tá parecendo um trem muito esquisito.

Quando começamos a rezar o Credo, o "trem" fez "trrrriimmm" e desceu rio abaixo. Falei de novo:

— Vamos embora, vamos montar no cavalo ligeiro e vamos sair daqui.

Montamos rápido e subimos. Quando a gente tava saindo do mato e chegando perto da linha telefônica, perto da espera, eivém o "trem" atrás de nós. Seguiu nós até aqui no Morro da Canjica, gritando atrás de nós.

O "trem" vinha atrás e gritava feito um galo que tivesse amarrado pelo pescoço... "Grah! haha!"... Aquela coisa esquisita, um "trem" feio! A única coisa que eu já vi na minha vida que pode ser visão do sobrenatural foi isso.

Depois de passado uns seis anos que isso aconteceu, eu fui novamente esperar. Dessa vez, fui lá no fundo da fazenda do Manoel, na divisa com a fazenda do Joaquim. E lá tem um pé de tarumã, bem no pé duma pedra. Levei comigo

dois meninos... Chegando lá, subimos no pau... Um menino deitou num galho, o outro menino deitou noutro. Assim que nós acomodamos lá em cima do tarumã, ouvi um barulho: "aut" ... "aut" ... "aut" ... Falei:

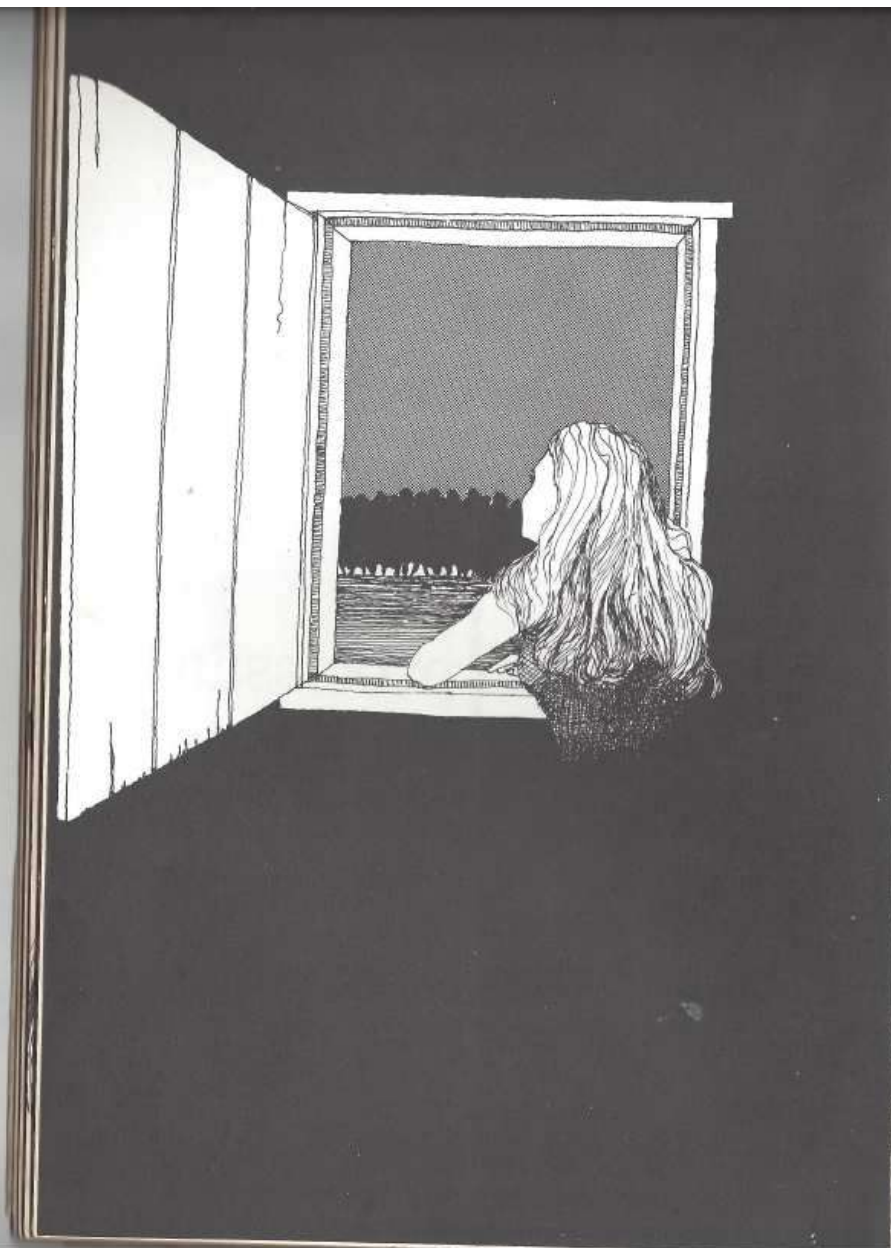
— Oh, vamos embora?!

O mesmo espírito que saiu em cima de nós, lá perto do Rio das Almas, tinha voltado, depois de passado seis anos. Uma coisa esquisita! Parecia que era só eu subir em árvore para esperar que esse "trem" vinha gritando pra perto de mim.

Depois disso, até hoje, eu nunca mais subi em pau.

Manuel Marcelino da Silva
Alvares 06/01/1982

A procissão dos mortos



Aqui em Jaraguá, no largo do Rosário, morava u'a mulher. Ela ficava sempre na janela pra explorar a vida dos outros, pra falar da vida alheia.

Essa mulher só vivia falando, olhando, murmurando. Falava de um, de outro, de moça, de tudo.

Entardecia e ela continuava na janela. Chegava a noite, todo o mundo ia dormir, ela continuava lá, até a meia-noite explorando o tempo.

Um dia, dizem que quando ela estava na janela, passou bem em frente uma procissão. Era uma procissão muito grande. Ela ficou olhando um, olhando outro, mas não reconheceu ninguém.

Quando então, saiu dessa procissão u'a moça, chegou

perto da sua janela e disse:

— Olha, dona, a senhora toma essas velas aqui. Eu quero que a senhora guarde elas pra mim até amanhã. Eu quero que a senhora me entregue elas amanhã, nessa mesma hora.

Aí ela recebeu as velas, mas ficou receosa, porque não estava reconhecendo ninguém daquela procissão.

Depois que a procissão acabou, ela foi olhar as velas e viu que aquilo era canela de defunto. Era osso da canela de defunto.

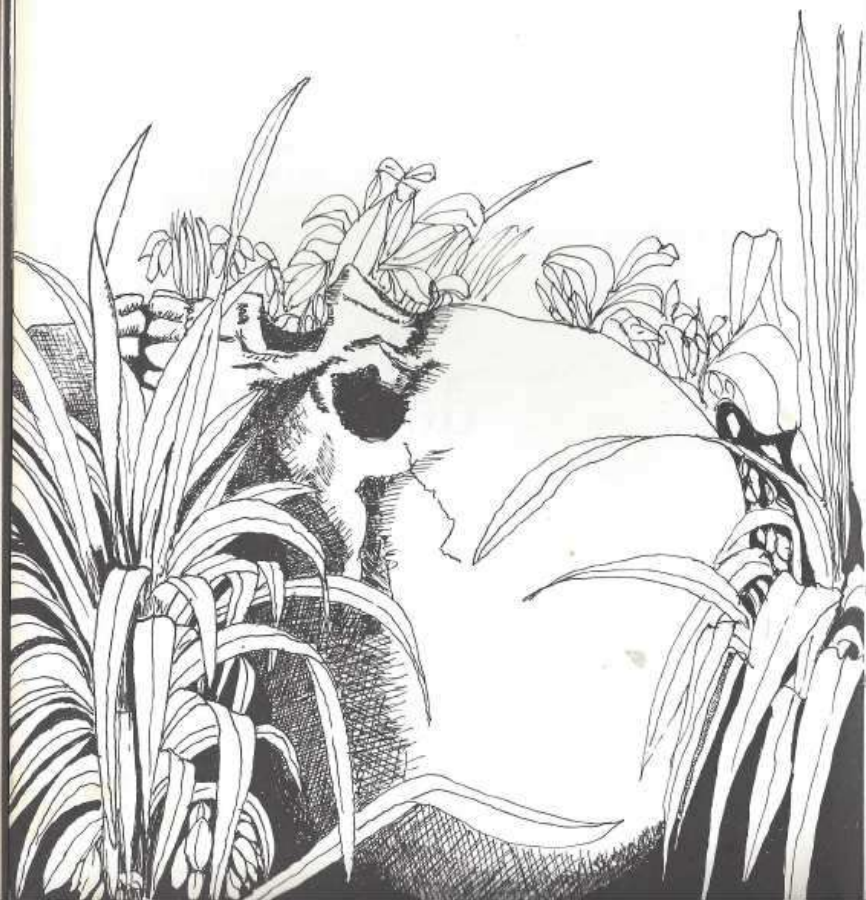
Ela ficou muito nervosa por isso e não conseguiu dormir a noite inteira, pensando naquilo, imaginando que tinha de devolver aqueles ossos.

Na noite seguinte, ficou lá na janela com as velas na mão. Quando veio a procissão, a moça que tinha entregado as velas, aproximou-se dela e falou assim:

— Olha, escuta aqui. Isso aqui é uma procissão dos mortos. Essas velas são ossos de quem já morreu. Você não fique na janela mais, explorando a vida dos outros não, porque isso é muito feio, é muito ruim, é até pecado.

Cecília Pereira de Souza
28/02/1983

O cadáver de Zé Alves



Um dia, Baltazar saiu, já de noitinha, com um seu filho, para procurar lenha pra mulher acender fogo no outro dia. Já estava escurecendo e eles foram andando pelos lados do cemitério. Neste lugar tinha um tamboril caído e ele foi quebrar galhas dele para acender fogo.

Quando ele estava lá no meio do pau caído, quebrando galhas, deu com um esqueleto. Sequinho por dentro e a roupa toda arrumadinha, novinha, pelo lado de fora. Onde o esqueleto caiu, o capim marmelada cresceu, que subiu assim por cima dele...

Depois disso, Baltazar foi pra casa, correndo pra casa e pediu ao filho que não contasse o que viram pra ninguém. Senão eles eram obrigados a ir naquela hora mexer com

aquilo. Então, eles foram dormir. No outro dia, ele levantou muito cedo e foi na rua, na delegacia e começou a contar o caso...

Depois que trouxeram o cadáver para a delegacia, foram olhar, examinar tudo e reconheceram que era o cadáver de Zé Alves.

Ele era um fazendeiro rico que tinha aqui em Jaraguá. Reconheceram ele por conta duma gravata. A gravata que ele usava era de um amigo que arranjou ela pra ele. Tudo um mistério... O corpo dele foi levado até para o Rio de Janeiro, para justificar isso num centro espírita lá. Dizem que era ele mesmo — o Zé Alves — Dizem que ele vivia demandando negócio de terra. Tomava terra de um, tomava terra de outro. Então, acharam que a terra não quis ele também...

E na noite que aconteceu a descoberta desse cadáver, eu dormi. Aliás, comecei a dormir e acordei. Acordei com uma coisa mexendo em redor de minha cama, andando pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, com aquele andado, rastando uma sandália muito macia. E o barulho que fazia na sala parecia ser uma coisa que "ele" arrastava, como que fosse uma vasilha cheia de cinza, no assoalho. Fazia um barulho assim surdo.

Na minha casa, tinha uma sala que era do meu tio Dito mexer com aquele negócio de agrimensor. Ele passava o dia todo lá.

Então, esse barulho de gente andando, saía do redor de minha cama e ia até naquela sala. Passava de volta atravessando de par com minha cama e ia... Parecia coisa de ir para o quarto dos meus tios Dito e Tide e depois voltava outra vez... Eu fiquei encolhida, me cobri. Fiquei toda encolhida, encolhida em cima da cama.

E o barulho continuava, passando pra lá e pra cá, na beirada da minha cama, bem um dedinho da minha cama. Eu, com aquele medo monstro, fui enfiando o dedo na fronha, fronha toda bordada, cheia de crivo. Devagarinho, fui enfiando o dedo, até que tombei o travesseiro em cima

da cabeça, mas o ouvido ficou de fora. Quando acabei de tombar o travesseiro na cabeça, deu aquele sopro forte no meu ouvido. Ah! quase que eu morro de susto, de medo!

E aquilo continuava a passar, pra lá pra cá, pra lá pra cá. Eu pensava que era uma pessoa da família. Olhei, tava todo o mundo dormindo. Escutei, tava todo mundo dormindo. Aí, então, quando o galo cantou, parou. Parou de mexer. Dizem que sempre que o galo canta, o fantasma desaparece.

Então, eu tava ansiosa para ver o barulho da empregada levantar, pra mim levantar também. Eu já tava cansada de estar naquela posição de presa, debaixo do travesseiro. Quando escutei o barulho da empregada, levantei e saí do quarto.

Quando fui saindo do quarto, chegando na varanda, tinha um sofá. Eu sentei no sofá e amoleci.

Nessa hora, deu sorte da empregada chegar e quando ela me viu, eu tava amarela, encostada no sofá. Ela então gritou tia Tide:

— Tia Tide, corre aqui, acode a Jeromina!

Aí, ela veio depressa e me pegou. Chamou o Sebastião pra ir atrás de médico. Ele levantou depressa e veio de lá:

— Quê que foi, filha? Quê que foi?

Ele chamava eu de filha. Enquanto isso, a empregada foi fazer um chá de folha de laranja. Veio na carreira e deu pra mim. Fui e bebi. Aí eu alertei e contei o caso tudo pra eles.

Nesse meio tempo, o Sebastião tinha saído depressa pra ir no médico, naquelas horas muito cedo. E tinha encontrado a rua já cheia de gente, já tinham contado do flage-lo... do cadáver. E ele chegou falando:

— Mãe, senhora sabe o quê que aconteceu, mãe? Apareceu um cadáver aí, perto do cemitério...

E contou o que o Baltazar tinha contado pra ele. Ele repetiu tudo. Ainda falava assim:

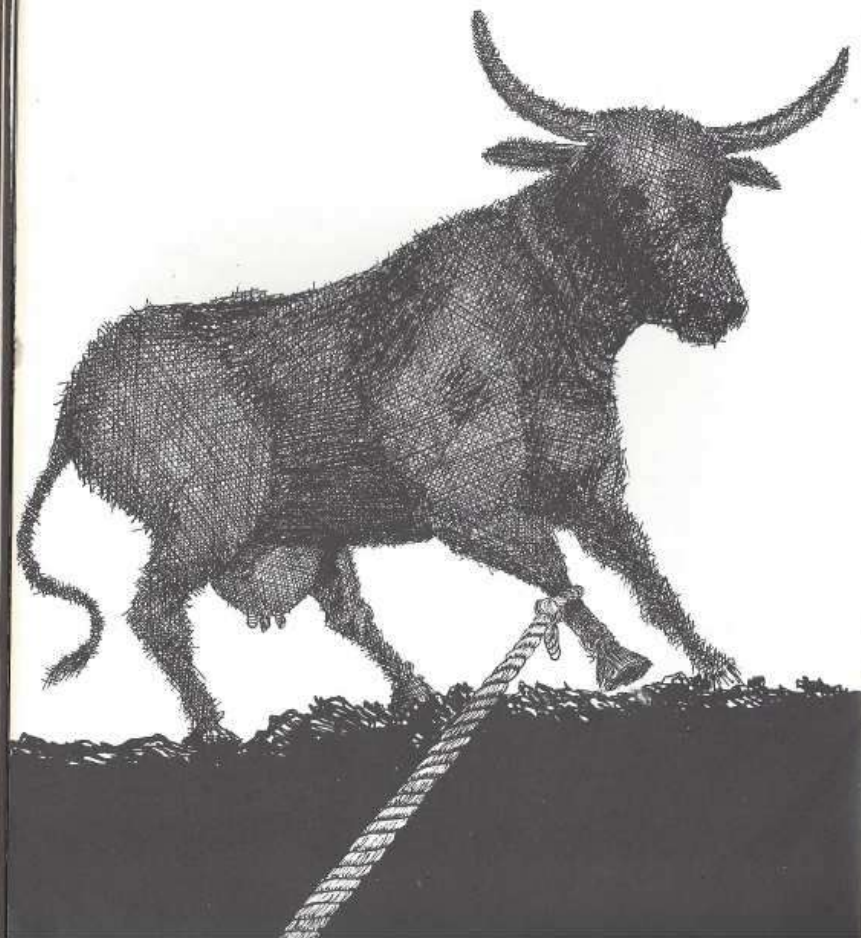
— Povo está todo alvoroçado, é polícia, é tudo indo pra

lá, pra descobrir o quê que é isso. E estão falando, mãe, que
é o cadáver do Zé Alves.

Jeromina Rodrigues de Amorim
19/01/1982

"Este foi um dos mistérios mais esquisitos que eu já
vi."

Um caso
de mistério



Nessa minha vida braba, eu tenho um caso muito importante pra contar.

Eu era vaqueiro e saí pra pegar uma vaca. Fui correndo atrás dela. Chegou uma hora que ela encantoou na beira de um rio e ficou lá, muito braba, batendo muito. Ai então, eu fui pelejando, até que consegui jogar uma corda numa de suas pernas e amarrar ela num toco.

Fui apeando do cavalo e pensando comigo: "Agora eu vou lá amarrar ela direito num pau, para poder esperar a vinda de um companheiro. Quando ele chegar, eu já estou com a vaca amarrada". Quando eu acabei de apeaar, que pisei no chão, essa vaca fez um rebuliço lá e arrebentou as cordas e veio pra cima de mim... Só não me pegou porque

Deus não deixou...

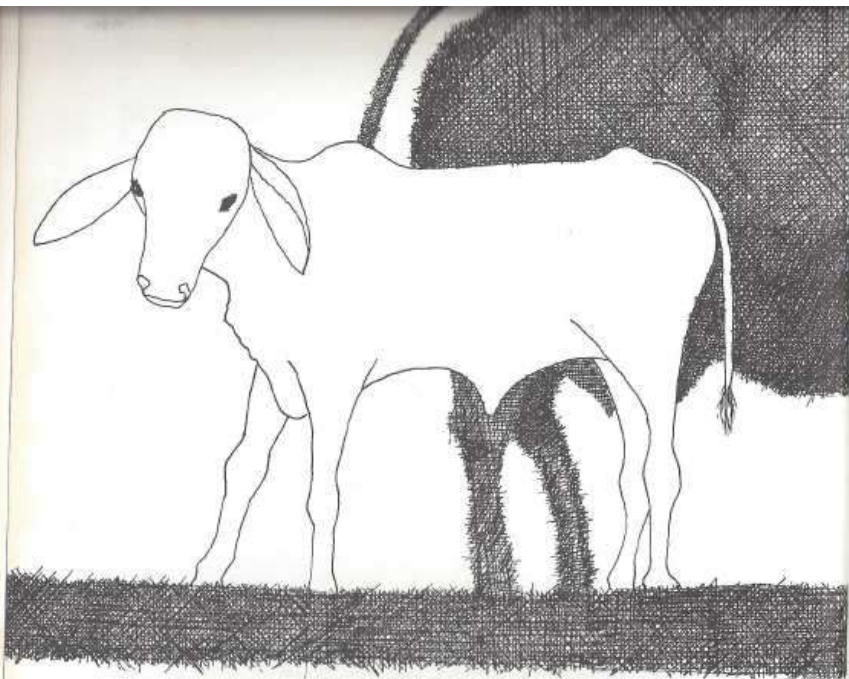
No lugar onde eu estava só tinha capim rasteiro, não tinha uma moita pra mim esconder atrás!... Pensei: "Aqui agora é Deus!"

E assim, eu fiquei parado, bem em frente da vaca, sem poder fazer nada pra me defender... Você acredita que esta vaca não teve coragem de caminhar pra cima de mim? O mistério de Deus foi tão grande, que ela ficou com a cabeça baixa, durante algum tempo, sem erguer a cabeça! Depois então saiu e foi embora.

Durante muitos anos eu fui vaqueiro, mexendo com gado, mas nunca levei qualquer beliscão de criação nenhuma...

Limiro Rodrigues do Prado
12/09/1982

A vaca misteriosa



Certa vez meu avô foi campear... pegar uma vaca. Ele ia numa vargem que tem lá do outro lado da ponte do Rio das Almas.

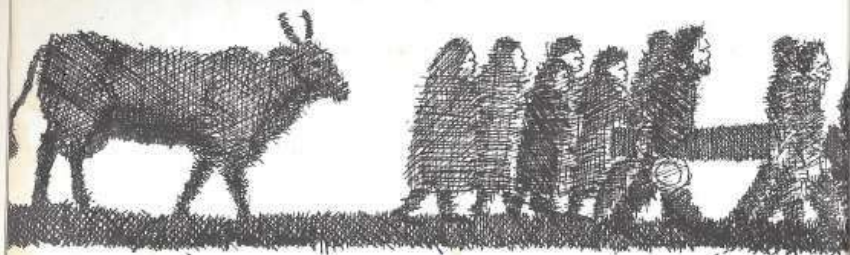
O Padre Silvestre estava na porta de sua casa em Jaraguá e disse assim ao meu avô:

— Olha, você vai campear vaca, se você encontrar minha vaca lá, você me traz ela. Eu estou achando que minha vaca criou lá.

Daí meu avô disse:

— Tá bom.

Quando ele chegou lá, a primeira coisa que ele viu foi que a vaca do Padre Silvestre tinha criado. Tava lá com o bezerrinho. Logo depois saiu campeando a vaca dele, que



ele queria pegar. Mas não achou.

Aí ele pensou: "Não, eu é que não vou... Eu é que não vou levar a vaca do padre."

Daí ele veio embora. Quando chegou aqui, que ia passando na porta do padre, ele perguntou:

— Você viu a minha vaca?

— Não.

— Oh, não fala isso pra mim não... A primeira rês que você viu lá foi a minha vaca.

Então, mesmo sem ter saído da cidade, ele contou pro meu avô do jeitinho que as coisas tinham passado lá no pasto. Falou tudinho pra ele.

Passado um tempo, o padre morreu. Na hora dele ser enterrado, quando ele estava na igreja, a vaca veio, entrou dentro da igreja, ficou lá perto dele. Acompanhou o enterro e depois sumiu.

Essa vaca já tinha morrido muito antes do Padre Silvestre morrer e, mesmo assim, apareceu no dia que ele morreu. Ela veio, apareceu, foi lá na igreja aonde que ele tava e depois sumiu.

José da Conceição Macedo
20/01/1982

A enchente



Quando a gente morava na roça, costumava juntar os companheiros de vizinhança e sair cumprindo uma missão. A gente se encontrava e ia pra casa dos amigos, passeando e fazendo oração.

Era época de fim de ano, mês de dezembro, que a gente cumpria essa obrigação. Juntava os companheiros e percorria até três casas de amigos, fazendo oração praquelas pessoas.

Chegando em suas casas para o pouso, os donos da casa tratavam da gente de um dia pro outro. No dia seguinte, a gente voltava pra nossas casas.

Certa vez que saímos, estava chovendo muito e tinha um companheiro por nome João da Mata, que não queria

seguir viagem com o grupo. Estava com má vontade. Mas, mesmo assim, ele nos acompanhou.

Depois que andamos um bom pedaço da estrada, chegamos na beira de um córrego e demos com uma enchente. O córrego tinha crescido pelo mato adentro, ninguém podia atravessar. Falei:

— Oh, mas quê que isso? Como é que fazemos agora? Nós precisamos ir na casa de Fulano de tal...

Mas não conseguimos passar.

Resolvemos andar um pouco mais, procurando um lugar para atravessar o ribeirão. Nessa hora, João da Mata apartou-se dos companheiros e foi embora pra casa dele. Não quis seguir com a gente não.

Fomos então seguindo a beira do córrego, tentando encontrar passagem em outro lugar. Quando fomos passando por perto da estrada que vai pra Ceres, nesta altura do córrego não havia nenhuma enchente! A gente arreparou bem: a água da enchente não passou por lá não. Falei:

— Tá vendo, minha gente, cadê a enchente do córrego?

Atravessamos o ribeirão e procuramos os moradores que moravam ali perto:

— Aqui não passou uma enchente?

Responderam que não. Ninguém por ali tinha visto a enchente.

E tudo isso aconteceu em muito pouco tempo! Enquanto demos a volta, pra pegar a estrada que vai pra Ceres, essa enchente era pra ter passado por lá. E essa água não passou por outros lugares do córrego, além daquele lugar, onde ela impediu a nossa passagem. O córrego, nos outros lugares, estava normal.

Nós viemos e passamos noutra lugar, pois a enchente só ficou naquele pedaço. Onde nós fomos impedidos, o córrego estava seguramente com uns trinta metros de largura e era um corregozinho de nada! Essa água toda foi engolida nesse pedaço de caminho!

Esse foi um dos mistérios mais esquisitos que eu já vi. Acho que isso foi uma surpresa pra nós. Foi um castigo pra

esse irmão velho, João da Mata. Como ele estava com má vontade, não queria fazer caridade pra ninguém, ele não pôde passar e nós arroteamos a enchente e passamos... Só ele ficou interrompido.

Então ele ficou. Ele não pôde passar naquele córrego e teve de voltar pra casa dele. Ele, que estava com vontade de ficar, ficou.

Foi igual à estória de Nossa Senhora Aparecida...

Contam que Nossa Senhora Aparecida andava pelo mundo e o dragão entendeu de atingir ela, fazer uma maldade com a santa. E ela foi viajando e o dragão soltou um mar d'água atrás dela.

Ela foi, pediu que ela queria a proteção de Deus naquela hora, que a terra engolisse aquela água.

Então a água diluiu na terra e o dragão perdeu todo o seu trabalho...

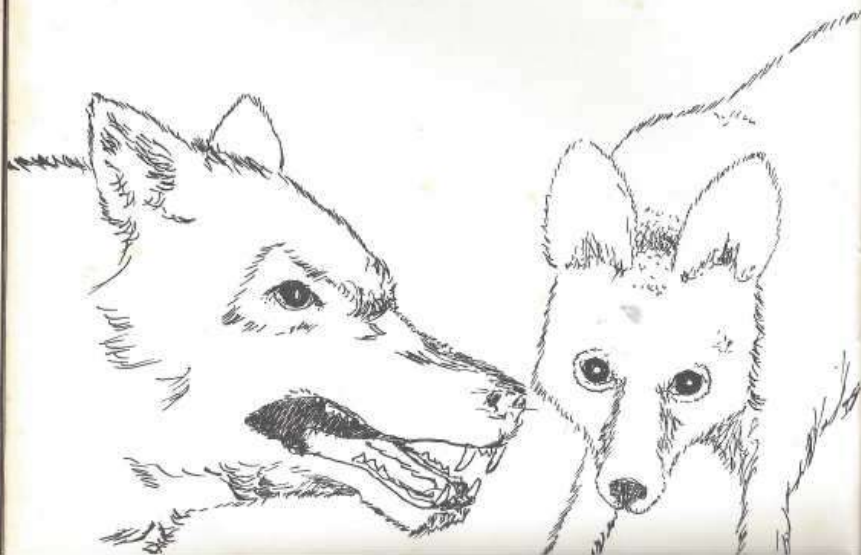
Ele queria atingir a Virgem Maria, mãe de Deus, pra matar ela afogada, mas não sabia do mistério que ela tinha...

Limiro Rodrigues do Prado
12/09/1981



"E os bichos falavam..."

A raposa
e o lobo



Era uma vez um homem que tinha um cavalo velho...
Um dia o cavalo chegou pra esse seu dono e falou:

— Olha, o lobo e a raposa estão saindo lá na roça. Estão estragando sua roça. Eu vou matar esses dois, se em troca o senhor me der liberdade.

— Então vai, respondeu ele.

O cavalo foi. Quando chegou lá na roça, deitou na trilha do campo, por onde entravam os bichos. Deitou, abriu bem a boca, espichou a perna e ficou com a barriga bem alta assim pra cima. Fingiu que estava morto.

Quando a raposa mais o lobo chegaram, falaram:

— Mas que tentação! Tanto lugar por aqui tudo e você vai ficar deitado onde nós passamos pra entrar na roça!

Pegaram, então, uma corda pra amarrar o cavalo e tirar ele fora do caminho. Enquanto isso, o cavalo foi mais esperto. Tomou a corda e amarrou o pescoço do lobo e da raposa. Vendo que tinham ficado bem presos, fez uma trela dos dois e saiu em disparada, arrastando os bichos para a fazenda.

Chegando na porta da casa, com a raposa e o lobo atrelados, o dono do cavalo veio ver e lhe perguntou:

— Como é que você fez?

O cavalo respondeu:

— Deitei lá na entrada da roça e fingi que estava morto. Quando os bichos chegaram, foram me amarrar, pra me tirar do caminho, pra me arrastar da estrada. Eu levantei, atrelei os dois e vim com eles na carreira.

E assim o cavalo ganhou a liberdade e foi embora. Foi viver sem trabalhar mais.

Manuel Marcelino da Silva Álvares
06/01/1982

O macaco,
a onça
e o coelho



Um dia, a onça convidou o coelho pra ir na casa dum compadre dela, que era fazendeiro, prele beber leite. O coelho, que é muito bobo, aceitou e foi com ela. Quando chegou no caminho ela falou pra ele:

— Olha, você trepa aqui nessa bananeira e panha a banana madura pra mim e a verde pra você.

O coelho trepou lá, panhou a banana madura pra ela e comeu a verde. Quando chegaram mais adiante, tinha uma cobra no caminho e ela falou ao coelho:

— Ah, o cinturão do meu compadre tá aqui. Você pega ele pra gente ir entregar.

Ele foi pegar e a cobra mordeu ele. Lá mais adiante tinha umas conchas. Ela panhou a mais butela pra beber

leite e disse a ele:

— Num precisa você levar não. Eu levo uma e nós bebemos juntos.

Aí ele não levou não. Quando chegou na fazenda, ela bebeu o leite sozinha e não quis dar pra ele.

Quando ficou de noite, ela foi no chiqueiro, matou o porco do compadre dela e encheu uma bacia com o sangue do porco. Depois ela falou pra ele assim:

— Quando eu falar pra você que está muito calor, você joga a bacia d'água em mim. Quando você falar que está com muito calor eu jogo a bacia d'água em você. Mas ela pegou a bacia cheia d'água e pôs perto dela e a bacia de sangue pôs perto do coelho. Quando ela falou "Ah, que calor", o coelho jogou água nela. Quando ele falou "Ah, que calor", ela pinçou sangue nele.

No outro dia cedo, ela correu e contou pro dono da casa que o coelho tinha matado o porco dele. Quando o homem viu o coelho todo sujo de sangue, passou fogo nele e matou.

Logo em seguida, ela chamou o macaco e disse a ele:

— Vamos lá na casa do meu compadre beber leite.

— Vamos, respondeu ele.

Lá-vai, lá-vai. Quando chegou lá adiante ela falou:

— Olhe, você trepa aqui, panha a banana madura pra mim e a verde pra você. Quando chegou lá no alto da bananeira, ele comeu a banana madura tudo e derrubou a verde pra ela. Ela ficou muito enfezada com ele. Mais adiante, ela viu uma cobra e disse:

— Olha o cinturão do meu compadre! Panha ele pra mim.

— Se quiser, panha você, que eu num vou panhar não. O compadre é seu, não é meu.

Ela ficou ainda mais enfezada com ele.

Quando foi lá adiante, topou com as conchas e falou assim:

— Oh, você não leva concha não, eu é que levo.

— Você leva a sua, eu levo a minha, respondeu o macaco.

Assim fizeram: ela levou a dela e ele levou a dele.

Quando foi de noite, ele fez que tava dormindo e viu a hora que ela levantou, foi lá no chiqueiro e matou o porco. E viu quando ela trouxe a bacia de sangue e pôs lá perto dele. Viu quando panhou a bacia de água e pôs perto dela. Quando ela deitou, ele levantou e trocou as duas bacias de lugar. Quando ela falou "Ah, calor", ele buzinou o sangue nela tudo. Quando ele falou "Ah, calor", ela jogou a água nele.

No outro dia cedo, ele levantou e falou ao dono da casa:

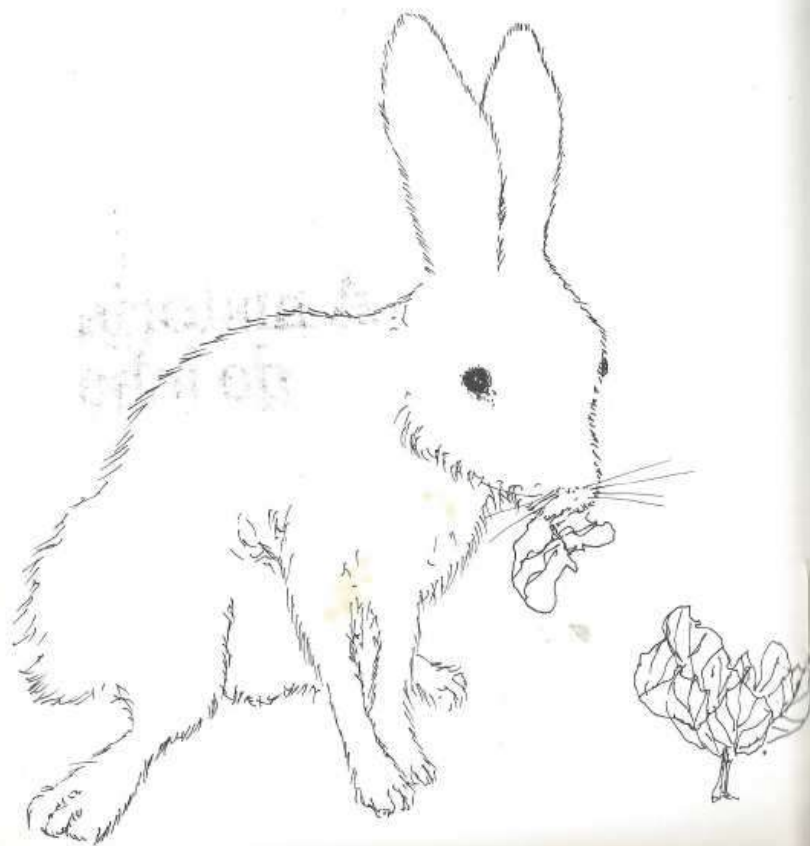
— Oh, sua comadre foi lá no chiqueiro, matou o porco e comeu tudo. Olha como ela tá breada de sangue.

Aí o compadre levantou com a espingarda na cacunda pra matar ela. Corre daqui, corre dacolá, até que matou a onça. Enquanto isso o macaco, aqui ó, deu o pira.

Maria Raimunda de Brito Bastos

19/01/1982

A história
do lobo



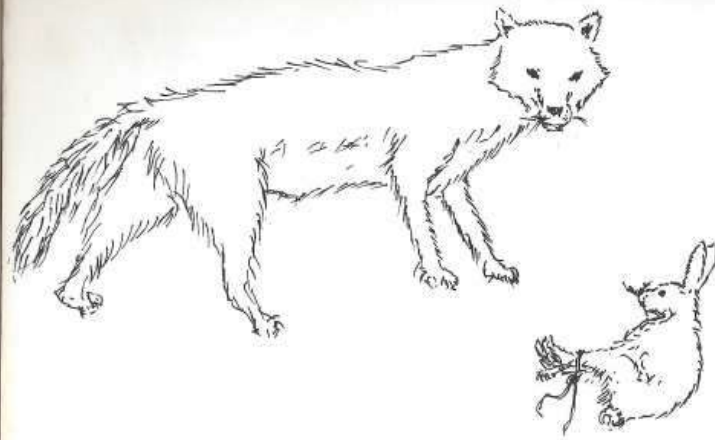
Era uma vez um homem, que fez uma horta e plantou muita coisa. Mas o coelho estava comendo tudo. O dono da horta tava enfezado demais porque a couve dele tava acabando. Então ele foi, fez uma armadilha pra pegar o coelho. Quando pegou o coelho, deixou ele lá amarrado pra matar depois. Foi na casa dele buscar uma gamela e chamar a mulher dele pra limpar o coelho.

O coelho estava lá triste, quando o lobo passou e falou:

— Uai, compadre, o quê que você tem, que está amarrado aí?

O coelho respondeu:

— Agora você imagina... Eu, desse tamanzinho, estou amarrado aqui pra comer uma gamela de frango e uma



leitão inteirinha. Aonde é que eu dou conta?

Mas ele tava era com vontade de escapulir. Quando ouviu aquilo, o lobo falou pra ele assim:

— Ah, eu vou desatar você e você vai me amarrar no seu lugar.

Rapidamente ele desatou o coelho. O coelho amarrô ele no mesmo lugar e deu o pira. Quando o homem chega com a foice e a mulher com a gamela na cabeça, o lobo, todo contente, falou:

— Virgem, agora eu vou comer é demais!

Mas, quando chegaram eles disseram:

— Ah, é você que está comendo a minha couve, hein?

Mandaram a foice nele, mas a foice, em vez de pegar o lobo, pegou foi a corda e cortou a corda. O lobo passou o pé e desapareceu.

Quando chegou lá diante, topou com um cavalo. O cavalo tava ferrado dos quatro pés. O lobo falou então pra ele:

— Ah, seu cavalo, eu vou comer você mesmo, porque eu estou com uma fome danada.

O cavalo respondeu assim:

— Ah, antes de morrer, tenho que cumprir um voto que eu fiz. Enquanto eu não cumprir eu não posso morrer.

O lobo então perguntou:

— O quê que é esse voto?

— Rezar um terço. Você me ajuda a rezar o terço?

— Ajudo.

E começaram a rezar: “Hu — “hu” — “hu”... rezando o terço. Lá-vai rezando o terço. De repente, o cavalo virou pra trás, sentou os quatro pés no lobo e jogou ele muito longe. Mais que depressa, o lobo saiu correndo. Correu naquele carreirão danado e foi embora. Lá-vai, lá-vai, lá-vai, até que topou com um boi de carro, cheio, argolado. Foi logo falando:

— Oh, seu boi, eu vou comer você, eu estou com muita fome.

O boi respondeu:

— Não, eu não vou morrer não, que eu tenho que cumprir um voto.

— Que voto é o seu?

— É de rezar.

Aí o lobo disse:

— Então vamos rezar.

O boi pegou a berrar e ele também. De repente, sem ninguém esperar, o boi tacou o chifre nele e jogou ele muito longe. Ele caiu fora, abriu aquele carreirão.

Quando o lobo chegou lá adiante, topou com um terno de cabras e falou assim:

— Eu vou comer vocês, que eu estou com uma fome danada.

As cabras então responderam:

— Só se você ajudar a gente cumprir um voto. Se você ajudar, você pode pegar qualquer uma de nós.

Ele falou:

— Então vamos ver.

As cabras saíram adiante: “Béé”... “Béé”... “Béé”... e ele atrás: “Uuu”... “Uuu”... “Béé”... “Béé”... e ele atrás: “Uuu”... “Uuu”...

Nesse momento o dono daquela fazenda percebeu que tinha um trem mexendo com as suas cabras. Apanhou a espingarda, saiu na porta e viu as cabras correndo pra porta com o lobo atrás. Quando o lobo viu a espingarda, ele correu. O homem correu atrás, pega daqui, pega dacolá, querendo matar o lobo. Então o lobo falou assim:

— Uma vida danada dessa, mais antes um raio caia na cabeça da gente!

No mesmo instante, ele pulou em cima duma garrancheira pra se esconder. Mas o homem mandou a foice no meio da garrancheira e rachou a cabeça dele de cima até em baixo. E acabou a história.

Maria Raimunda de Brito Bastos

19/01/1982

“É história demais. Tem muita história aí. O povo sabe muita história. História de encanto, de princesa, de fada, de príncipe... Princesa é sempre bonita demais, encantada...”

Maria
Borrallheira



Era uma vez um homem que era casado e tinha uma filha bonita demais. Ela se chamava Maria. Mas, quando ela estava ali com uns cinco anos mais ou menos, a mãe morreu. Seu pai então casou-se com outra mulher e teve duas filhas muito feias. Elas tinham muita inveja da Maria e a tratavam muito mal. A madrasta de Maria era muito ruim pra ela. Dava nela, judiava com ela. Ela trabalhava muito. Fiava, cozinhava e ficava só assentada na boca da fornalha. Por isso botaram nome nela de Maria Borradeira.

A Maria Borradeira tinha só uma amiga, sua vaquinha de estimação.

De vez em quando a madrasta falava pra ela assim:

— Oh, hoje você tem que dar conta de uma libra de

linha fiada pra mim. Se você num der, você vai entrar no couro. Ah, você vai também fazer almoço, fazer janta, lavar as vasilhas, engomar essa roupa, tudo. Na hora que eu chegar, quero achar tudo pronto.

Como a Maria era pequetita, garrava a chorar porque ela não dava conta. Aí a vaca encantada vinha e perguntava a ela:

— O quê que você tem, Maria, que está chorando?

A Maria contava o motivo de sua tristeza e a vaquinha então falava:

— Me dá o algodão que eu vou arrumar ele pra você.

Ela dava o algodão e a vaca mascava tudo, até a linha ficar purinha, toda fiada. Quando acabava de fiar o algodão, ela falava:

— Me dá as vasilhas, me dá as panelas que eu vou arrumar pra você.

A Maria entregava, ela passava a língua nas panelas, passava a língua nas vasilhas, ficava tudo limpo e as panelas cheinhas de comida. Arrumava a casa toda pra Maria. Quando a madrastra chegava, tava tudo prontinho. Foi indo assim muito tempo. A madrastra deixava o serviço e a vaca arrumava pra ela. Um dia ela desconfiou e disse:

— Isso não passa de ser essa vaca que tá arrumando esses trem pra Maria...

Um dia a madrastra falou pra Maria que tava pançuda e que queria comer a sua vaca. Quando ouviu isso a Maria começou a chorar, a chorar sem parar por causa dessa vaca. A vaca então viu ela chorando e disse:

— Deixa ela me matar. Mas você é que deve ir lavar o fato. Quando uma tripa correr pro rego abaixo, você corre atrás e pega, porque tem uma varinha dentro dela. Você tira a varinha, que ela faz a mesma coisa que eu.

Logo depois, a mulher matou a vaca e Maria pediu que queria lavar o fato. Quando estava lavando, a tripa correu. Ela correu atrás, pegou a tripa e tirou a varinha.

Daí pra frente, a varinha encantada estava fazendo a mesma coisa que a vaquinha. Fazia tudo que ela queria.



Quando foi um dia, a madrasta e as duas filhas se aprontaram pra ir a um baile no palácio. Estavam todas muito bem arrumadas, bonitas demais pra ir a um baile. Estavam fazendo inveja pra Maria Borracheira, que ficou muito triste.

Quando elas saíram, ela pediu à varinha que desse pra ela um vestido muito bonito, um sapato e uma carruagem também. No mesmo momento apareceu aquela carruagem de prata, que era a coisa mais bonita. Aquele vestido todo enfeitado de prata e um sapato de prata. Ela se arrumou muito bem arrumada, montou na carruagem e foi para o baile. Chegando lá no palácio, num tinha uma moça que comparasse com ela na beleza nem no vestido. O príncipe, que estava fazendo a festa do casamento dele com uma princesa, ficou louco por causa da Maria. Dançou só com ela. Quando estava pra acabar a festa, ela passou o pé num carreirão e foi embora.

Chegando em casa, ela tirou tudo fora, escondeu, desapareceu tudo. Quando a madrasta e as filhas chegaram, ela estava sentada lá no pé da fornalha. Então elas falaram:

— Olhe, você devia estar lá no baile pra você ver uma moça que foi lá. Era a coisa mais bonita do mundo, toda vestida de prata. O príncipe só dançou com ela e está louco por causa dela.

Quando foi outro dia, elas tornaram a arrumar pra ir a outro baile. Saíram as três muito bem vestidas.

Maria pediu à varinha um vestido mais bonito ainda e uma carruagem pra ela também ir à festa do palácio. No mesmo instante, apareceu uma carruagem de ouro com o libré de ouro, um vestido ainda mais lindo, todo enfeitado de ouro, e um sapatinho de ouro. Ela se aprontou bem depressa. Pôs o vestido, enfiou o sapatinho de ouro e tacou o pé até chegar no palácio. Outra vez o príncipe só dançou com ela. Com medo que ela desaparecesse de novo, mandou que os guardas ficassem na porta pra pegar ela na saída e saber quem que era ela. O príncipe queria casar com ela. Quando estava pertinho do baile acabar, ela correu e es-

capuliu pra casa. Mas, no que ela correu, um sapatinho escapuliu, caiu e os guardas apanharam.

No outro dia, o príncipe mandou apregoar na rua quem fosse dona daquele sapato deveria aparecer, que ele ia casar com ela. Mas, como não apareceu ninguém, ele mandou seus soldados de casa em casa experimentar esse sapato. Tinha moça que passava cuspe, sebo ou gordura no pé pra ver se entrava dentro do sapato, mas o sapato era tititico e nada. Não entrava não.

Remexeram a cidade inteirinha procurando a dona do sapato. Quando chegaram na casa dessa mulher, vieram as filhas dela para experimentar e nada. Em seguida o soldado perguntou:

— Não tem mais ninguém aqui não?

A madrasta então respondeu:

— Ah, tem aí uma Maria Borracheira que só vive na cozinha. Mas ela não adianta chamar não.

— Chama ela. A ordem é que todo mundo experimente o sapato.

Depois que ele disse isso resolveram chamar a Maria Borracheira. Quando ela colocou o pé no sapato e ele serviu direitinho, disseram que o príncipe queria casar com ela. O príncipe então mandou anunciar na rua inteira que ele ia casar com a Maria Borracheira. Marcaram o casamento e prepararam tudo. Foi um casamento com festa e tudo.

Depois do casamento de Maria Borracheira, suas irmãs foram lhe perguntar como foi que ela fez pra ter tanta sorte. Ela então contou tudo. No dia que sua vaca morreu, quando ela saiu correndo pra pegar a tripa, ela acabou chegando numa casa. E foi contando:

— Cheguei lá, tava tudo arrumado. A janta tava pronta em cima da fornalha. Estava tudo varridinho, os potes tudo cheio, tudo limpinho. Eu joguei a água tudo fora, empe-tequei tudo a casa e escondi atrás da porta.

Nessa casa moravam três fadas.

Maria Borracheira estava mentindo pras suas irmãs. Quando isto aconteceu, ela fez foi tudo ao contrário. Ela

tinha chegado na casa e achado tudo sujo. Ela então varreu a casa, fez comer, encheu os potes e arrumou tudo. E quando as fadas chegaram, disseram:

— Quem fez esse bem pra nós, há de sair uma estrela de ouro na testa! Quem fez esse bem pra nós, há de ser a moça mais linda do mundo! Quando falar, há de sair ouro da boca!

Por isso, Maria Borradeira só andava com lenço amarrado na cabeça. Era pra tampar a estrela. Não podia nem falar, tinha que tampar a boca, senão o ouro voava de sua boca.

Depois que Maria Borradeira contou isso pras irmãs, elas, enganadas, foram lá. Pintaram o sete na casa das fadas. Quando as fadas chegaram, disseram:

— Oh, quem fez esse mal pra nós, quando for falar vai sair sempre estrume pela boca!

E suas irmãs, então tiveram chifres. Quando elas falavam, saía estrume de cavalo pela boca. Criaram pé de burro. Nunca puderam casar, porque pareciam bicho.

Maria Raimunda de Brito Bastos
19/01/1982

O verde
pássaro louro



Diz que tinha três moças que moravam num reino e as três moças eram todas solteiras. Todas as três eram costureiras e ficavam costurando até tarde da noite. E da casa delas enxergavam uma luz lá muito longe. Uma luzinha muito longe.

Um dia, um príncipe que morava muito retirado da cidade também enxergou a luz da casa delas, mas num sabia o quê que era. Um dia ele chamou o carro dele, pra ir lá, que ele queria ver o quê que era aquela luz. Então ele foi lá. Foi lá e ficou escutando o quê que elas estavam falando. Uma falou assim:

— Ah, uma hora dessas eu tinha vontade de ser a mulher do cozinheiro do príncipe. Uma hora dessa eu tava

comendo tutu de feijão, carne, essas coisas...

A outra falou em seguida:

— Ah, eu queria ser mulher do padeiro. Uma hora dessa eu tava tomando chocolate e comendo pão com manteiga, essas coisas...

A outra, que era a mais nova, falou assim:

— Não, eu queria ser mulher do príncipe mesmo. Se eu fosse mulher dele, teria três filhos. Todos os três com estrela de ouro na testa.

Quando foi no dia seguinte, ele mandou chamar todas as três. As três foram. Quando chegaram lá, ele falou pra uma delas:

— A senhora falou que queria casar com o meu cozinheiro?

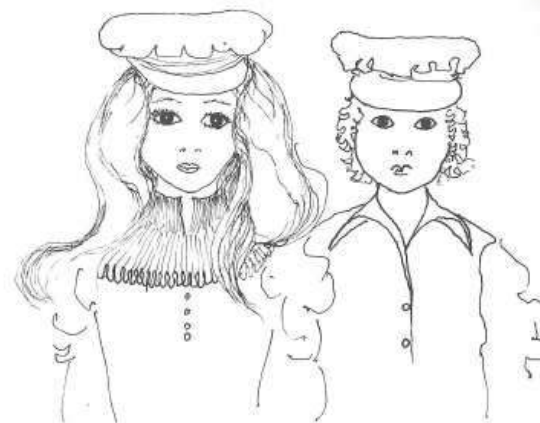
Ela respondeu:

— Sim, eu queria.

— Pois é, vai casar. E a senhora falou que queria casar com o padeiro? Vai casar. E a senhora, queria casar comigo, não é? Vai casar.

Ele, que tinha ouvido toda a conversa delas, disse que ia casar com a mais nova. Assim, casaram todas as três.

Quando foi daí a nove meses, a mais nova, que era mulher do príncipe, tava gorda. As duas irmãs mais velhas ficaram muito enfezadas porque ela casou com o príncipe e tudo estava acontecendo como ela queria. Elas fizeram então um trato com a parteira. Se o menino nascesse mesmo com uma estrela, na hora de aparar ele, a parteira ia tirar o menino e botar uma cobra no seu lugar. Quando entrou os nove meses, ela teve o menino e ele nasceu com a estrela do céu, uma estrelona de ouro na testa. A parteira arrancou o menino do berço, botou uma cobrona no lugar dele. Depois, garrou o menino, enrolou bem enrolado, pôs dentro de uma caixinha e soltou no mar. Soltou no mar e a caixinha foi rolando, rolando, rolando. Nesse meio tempo, apareceu um pescador, que nunca tinha tido filho. Quando ele viu aquele embrulho que vinha rolando, jogou o anzol e puxou. Quando ele abriu o embrulho, o menino tava batendo as pernas,



com aquela estrelona na testa. Ele foi embora correndo e gritou sua mulher:

— Achei, mulher! achei, mulher!

Ela veio naquele carreirão para o ver o quê que era. Era o menino. Como ele tinha muita vontade de ter um filho, pegou o menino, levou pra dentro e foi criar.

Enquanto isso no palácio, a mulher mandou chamar o príncipe pra vir espiar o filho. Quando ele chegou, o que viu foi a cobra. Ele enfezou muito, chamou todos os seus ministros pra ver quê que fazia com a sua mulher. Esses homens todos disseram que ele matasse ela. Podia matar ela que ela num prestava. Era isso mesmo que as duas irmãs queriam. Mas um deles, que era um ministro mais velho, falou:

— Não, não mata ainda não. É preciso esperar os outros dois filhos que ela prometeu. Ela prometeu três, faltam dois.

O tempo passou e ela continuou no palácio, mas o príncipe já não era aquele de antes. Daí a nove meses, ela tava gorda outra vez. As duas irmãs tornaram a ir atrás da parteira. Dessa vez ela teve uma menina, uma menina bonita,



com aquele estrelão na testa. Mas como da outra vez, a parteira já tinha combinado tudo com as duas irmãs mais velhas. Tirou a menina, botou um sapo em seu lugar. Botou a menina dentro de uma caixinha e soltou no mar.

Quando o príncipe foi ver a filha, encontrou foi um sapo. Chamou os ministros todos, conversou com eles e deu ordem de matar a mulher. Nesse momento, aquele mesmo velho disse:

— Não, não mata não. Faz um buraco no largo, enterra ela da cintura pra baixo e dê ordem para todo mundo que passar lá cuspir, escarrar e jogar nela.

Enquanto isso, essa menina também saiu boiando dentro da caixinha, rolando, rolando. O mesmo homem tava pescando e pegou ela. Levou pra casa decidido a criar o casalzinho, o menino e a menina. Ele mandou fazer dois bonés para que eles usassem, tampando a estrela.

Durante todo esse tempo, perto do palácio, todo mundo que passava lá no largo cuspiam na mulher, escarravam na mulher. Mas esses dois meninos, que já estavam crescidos, não. Quando iam pra escola, passavam por ela, tiravam o boné, faziam continência e iam embora. Eles não cuspiam nela, nem escarravam.

Algum tempo depois, contaram pro príncipe que aqueles dois meninos não obedeciam às suas ordens. O príncipe, então, mandou chamar o homem que criava os meninos e a quem eles chamavam de pai. Ele foi até o palácio e levou os meninos, mas todos dois com os bonés tampando a estrela. O príncipe perguntou a eles, então, por que motivo não escarravam nem cuspiam na mulher.

— Educação, Senhor príncipe. Educação, Sua Majestade. Eu não tenho essa educação de cuspir nos mais velhos não. Não gosto.

Os meninos eram muito ladinos. E quando o príncipe foi falar com eles, eles falaram pra ele coisas de arrepiar. Ele ficou gostando tanto dos meninos que chamou eles pra dentro de casa. O velho, sua mulher e os meninos foram morar no palácio.

João foi crescendo, foi crescendo, ficando aquele rapaz cada vez mais bonito, mas sempre de boné tampando a testa. A Maria também foi ficando cada vez mais bonita.

Mas, durante todo esse tempo, as duas tias dos meninos continuavam lá dentro. Elas sempre desconfiavam deles. Falavam que tinham muito medo desses dois meninos.

Quando foi um dia, o João, que tava mesmo um rapaz feito, ao pentear o cabelo, tirou o boné perto da tia, que ia passando. Naquele momento, ela viu a estrela na cabeça dele. Quando ela viu aquilo, correu lá dentro e contou pra irmã:

— Nós estamos perdidas. O casal que encontrou os dois meninos jogados no mar está aqui dentro. Nós estamos perdidas. Temos que caçar um jeito de matar eles tudo.

Nessa época, por aquelas redondezas tinha um reino encantado, um reino que tava encantado há muitos anos. Uma das duas tias foi até o príncipe e disse a ele que o João dava conta de buscar o pássaro louro que estava encantando aquele reino. Este pássaro louro era um rei. O príncipe chamou o João, em seguida, e perguntou se aquilo era verdade. O João falou:

— Eu nunca disse isso não, mas vou.

Assim, o João arrumou a sua comitiva e saiu pra ir buscar esse verde pássaro louro.

No caminho, passou numa cidade que era encantada também, porque ficava dentro do tal reino encantado. Nesse lugar, onde ele pousou havia uma moça muda. Quando o dia raiou, que ele saiu, a moça muda correu e foi cercar ele. Nesse dia, ela conseguiu falar e disse a ele:

— Oh, João, você vai lá, mas você não vai se enterner na música nem nos pássaros que falam não. Você vai certinho onde tá o verde pássaro louro. Ele tá numa gaiola, amarrado com uma corrente de ouro. Você vai lá, pega ele na corrente e traz. Se você for dar sentido nas músicas e nos pássaros, você também fica lá.

Aí ele foi. Mas quando entrou naquele lugar, que era

uma cidade enorme, viu logo música tocando, pássaros cantando, gente falando e dançando, outros chamando ele. Com aquela conversaiada, ele enterteu. Quando ele quis pegar o pássaro louro, ele virou uma pedra. Virou uma pedra e ficou com a mão esticada assim.

Mas, antes do João sair do palácio pra cidade encantada, ele deu uma faquinha pra irmã dele. Uma faquinha que nunca teve ferrugem. Entregou a faca a ela e falou:

— Olhe Maria, você tira essa faquinha da bainha todos os dias. O dia que ela tiver com ferrugem é porque eu estou em perigo.

Naquele dia, quando a irmã dele foi olhar a faca, ela tava com ferrugem. Ela foi, pediu ao príncipe que ela queria ir atrás do irmão. Aí o príncipe permitiu. Ela arrumou a comitiva e partiu. No caminho, ela pousou na mesma casa onde havia a moça muda. Quando foi no dia seguinte, que ela ia sair, a moça cercou ela e falou:

— Oh, Maria, o João tá lá, é uma estátua, uma pedra. Mas aconteceu isso porque ele quis. Eu avisei como ele devia se comportar. Quando você chegar lá, você não enterte com a música nem com o povo falando, nem com nada dessa vida... Você vai certinho até o verde pássaro louro. Ele tá numa gaiola de ouro com uma corrente pendurada. Você então pega a corrente dele, que assim desencanta o reino inteiro e nós também aqui. Você deve levar também esse martelo. Quando você pegar a corrente, você bate na pedra que está perto do pássaro louro, que é o seu irmão. Você bate que ele vira a forma dele.

Logo depois, ela seguiu seu caminho. Quando chegou lá, havia música, dança, aquela coiseira, mas ela não deu sentido pra ninguém. Foi certinho onde tava a pedra e o verde pássaro. Ela pôs a mão na corrente e sentou o martelo na pedra. O João virou um moço outra vez. Desencantou o reino inteiro. Voltaram os dois para o palácio com o pássaro louro. O pássaro louro era o rei, pai do príncipe. Nesse dia foi aquele festão.

As duas tias de João ficaram muito enfezadas com isso. O príncipe, muito feliz, fez um jantar muito grande e convidou todo o povo do reino para ir ver o pai dele. Fez um banquete, aquele mundo de jantar. Vieram príncipes, reis, rainhas, condes.

Enquanto isso a mulher, mãe de João e Maria, estava ainda enterrada. Enterrada lá no meio do largo.

No dia do jantar, o príncipe paniu a gaiola do pássaro, do verde pássaro louro, e pôs na cabeceira da mesa. Naquele momento, o pássaro louro olhou e falou assim:

— Aqui falta uma pessoa, a principal pessoa da casa, a princesa.

Esta pessoa era a mulher que estava enterrada lá no largo. Eles mandaram buscar ela, mas já estava morta da cintura para baixo. Um pouco antes dela chegar, quando o príncipe colocou a gaiola na mesa, a cobra apareceu e enrolou assim no primeiro prato. Pouco depois, o sapo veio de lá pulando e enrolou noutro prato. O sapo e a cobra de um lado e outro, e a gaiola no meio. Quando eles trouxeram a mulher, ela estava morrendo, morrendo mesmo. Quando o pássaro louro viu aquilo, ele desencantou na hora e falou assim:

— Esta senhora tá morrendo. Ela é a princesa, esposa do meu filho. Não é justo o que aconteceu com ela, porque ela prometeu os filhos com estrela de ouro e todos eles tiveram estrela. Ele então disse a João:

— Tira o boné.

Ele tirou o boné e tava lá a estrela brilhando. Em seguida ele disse a Maria.

— Tira o boné.

Ela tirou o boné e também tava lá a estrela brilhando.

Nessa hora o príncipe deu valor em sua mulher, mas nada mais adiantava. Ela desmaiou e morreu.

O rei naquele momento disse a seu filho:

— Foram as suas cunhadas, essas duas aqui, que puseram a cobra e o sapo no lugar das crianças e mandaram jogá-las na água. Esse casal de velhos foi que achou e criou.

Esses é que são seus filhos.

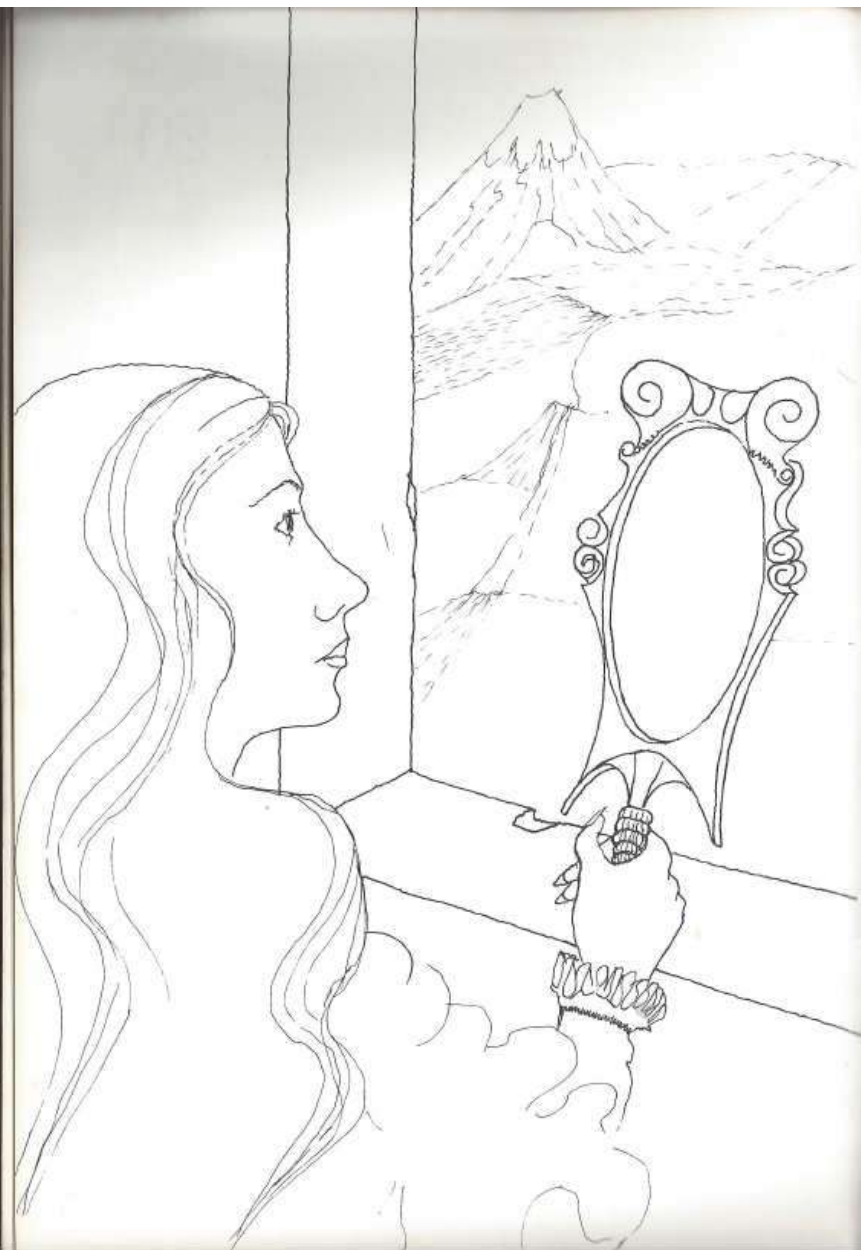
Então o príncipe chamou as duas irmãs de sua mulher e perguntou a elas a respeito de toda aquela história. Elas confirmaram tudo. Tinham mandado jogar dentro d'água seus filhos. Aquele homem, considerado pai de João e Maria, era um pescador, que criou o casal como filhos.

Descoberta toda a verdade, ele chamou seus filhos e perguntou o quê que eles queriam fazer com as tias. Eles responderam que queriam amarrar as duas numa besta braba e soltar no mundo.

Assim fizeram. Amarraram as duas numa besta braba e soltaram no mundo. Morreram estracalhadas.

Maria Raimunda de Brito Bastos
19/01/1982

Branca de Neve



Era uma vez um rei que se casou e teve só uma filha, mas muito bonita. Ela estava pititinha quando a mãe morreu. A mãe morreu e aí ele casou de novo e teve duas filhas, mas todas duas feias. A primeira filha era linda e se chamava Branca de Neve. Aí ela foi crescendo e quanto mais crescia mais bonita ficava.

E a rainha, que era sua madrasta, tinha um espelho encantado. Então, todo dia, ela pegava o espelho e falava:

— Espelho, espelho meu, haverá um rosto mais bonito do que o meu?

Ele respondia que não, que só essa rainha é que era bonita demais.

Mas quando a Branca de Neve ficou maiorzinha, um



dia, a rainha pegou o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho, haverá um rosto mais lindo que o meu?

Ele respondeu:

— Há, Branca de Neve.

Ela tomou ódio da menina. Tomou tanto ódio dela que não gostava dela de jeito nenhum. Aí ela chamou um nego e disse a ele:

— Eu pago você bem pago pra você pôr Branca de Neve dentro de um bangüê, e levar pra bem longe, pra uma floresta deserta onde só tem bicho. Solta ela lá e traz um pedacinho do dedinho dela pra mim, que eu quero ver se você matou ela mesmo.

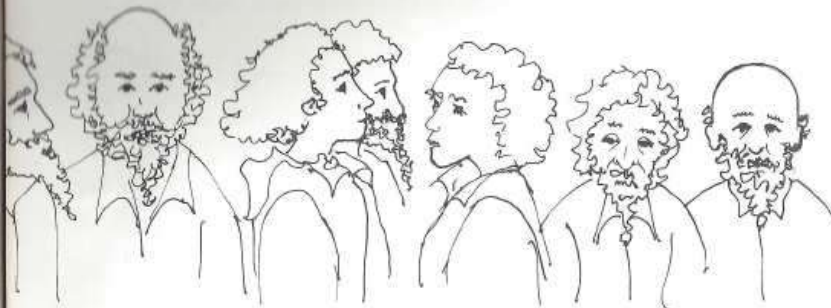
Ele pegou, então, Branca de Neve e saiu com ela. Andou, andou, andou com ela, mas ficou com muita dó, que ela era novinha. Quando chegou lá longe na floresta, ele apeou ela e falou:

— Oh, eu vou largar você aqui, e os bichos vão comer você. Eu tenho ordem de levar seu dedinho pra mostrar a sua madraستا. Você põe um dedinho aqui em cima da pedra pra mim cortar um pedacinho só. Não fique com medo, que eu curo ele pra você.

Aí ela pôs o dedo, ele cortou e curou a mão dela. Antes de deixá-la na floresta, deixou trem pra ela comer e voltou. Foi embora. Quando chegou no palácio, mostrou para a rainha. Ela ficou satisfeita quando soube que a menina estava morta, porque ela queria ser a mais bonita do mundo.

A menina, sozinha, foi andando, foi andando, andando até que escureceu e ela pousou dentro de uma gruta de pedra. Quando amanheceu, ela continuou a andar e viu uma casinha muito longe. Chegou lá, a casinha tava fechada. Ela abriu a porta e entrou. Ao entrar, ela viu uma mesa com sete pratinhos, sete colherzinhas e sete copinhos. Logo em seguida, de cada pratinho, ela tirou um tiquinho e comeu. De cada copinho, ela bebeu um golinho d'água. Deixou tudo lá, deitou numa caminha. Deitou e dormiu.

Mais tarde, chegaram os donos da casa, que eram sete



anões. Logo que entraram, um deles disse:

— Alguém buliu na minha comida.

O outro disse também.

— Alguém buliu na minha comida.

Os outros todos disseram a mesma coisa.

Quando eles olharam, viram Branca de Neve dormindo em uma das caminhas, naquela do cantinho. Foram lá, olharam, e viram que ela era linda demais. Um deles disse:

— Deixa ela dormir, que ela tá cansada.

Quando foi no outro dia, ela acordou e ficou espantada de estar no meio daquele lote de anão. Ela contou a sua história pra eles e, depois que conversaram um pouco, disseram a ela:

— Você fica morando aqui com a gente. Você vai ser nossa irmã. E nossa irmã e ninguém vai fazer mal pra você. Você zela da casa pra nós, limpa e faz comida.

Logo em seguida, eles proibiram Branca de Neve de abrir a porta e receber gente, quando eles não estivessem em casa. Isso podia ser muito perigoso. Assim, combinaram tudo direito e ela ficou morando com eles. Ficou lá.

Enquanto isso, no palácio, de vez em quando a rainha pegava o espelho e dizia:

— Espelho, espelho, haverá uma cara mais bonita do que a minha?

— Não.

Ela ficava sossegada porque não tinha. Foi indo, foi indo, até que um dia ela pegou o espelho e disse:

— Espelho, espelho, haverá uma cara mais bonita do que a minha?

— Branca de Neve, lá no sertão, no meio dos anão.

A rainha ficou que ficou tinindo de raiva. Mandou então chamar uma mulher, pagou ela bem paga pra ela ir vender trem lá na porta da casa onde estava Branca de Neve. Deu instruções pra ela levar um alfinete envenenado:

— Você caça um jeito de entrar na casa e pede pra pentear o cabelo dela. Você fala que é moda, que tá usando esses alfinetes aqui.

Quando ela chegou em frente da casa, Branca de Neve abriu só a janela. A mulher mostrou o tanto de coisa que tinha pra vender. Falou que tinha muitos preparos de cabelo, alfinete bonito, outras coisas. Aí Branca de Neve não agüentou e acabou abrindo a porta pra mulher entrar. Ela foi logo soltando o cabelo de Branca de Neve e passou o pente nele inteirinho. Aproveitou para enfiar na sua cabeça o alfinete envenenado. Nesse momento, ouviu-se um barulho: “Pá!” Branca de Neve caiu e a mulher, aqui ó, foi embora.

Quando os anões chegaram, ficaram loucos, chorando por causa da menina, que eles queriam bem demais. Tá chorando, tá alisando ela, tá passando a mão na cabeça dela, até que um anão achou um caroço na sua cabeça. Achou um caroço e puxou. Era o alfinete. No mesmo instante, ela tornou a voltar. Continuou a viver na casa dos anões.

Daí a algum tempo, lá no palácio, a rainha pegou de novo o espelho:

— Espelho, espelho, haverá um rosto mais bonito que o meu?



— Haverá. Branca de Neve, lá no sertão, no meio dos anões.

A rainha, então, resolveu contratar uma mulher pra ir até lá vender fruta envenenada. Assim ela fez. Quando a mulher chegou perto da casa de Branca de Neve, começou a gritar:

— Quem quer comprar frutas? Frutas muito boas, doces, muito gostosas!

Branca de Neve ouviu os gritos. Como moça é bicho besta, tornou a abrir a porta, chamando a mulher pra dentro. Ela então disse à menina:

— Coma a fruta, não tem veneno não. A própria mulher comeu uma banda que não estava envenenada e deu a outra para a menina. A outra tava. Aí, ela comeu a outra banda da fruta, que ficou entalada na garganta. Comeu e morreu.

Quando os anões chegaram, quase morreram de tanto chorar por causa dessa menina. Fizeram um caixão de ouro, tudo pintado de brilhante, puseram ela dentro do caixão, mas não enterraram não. Puseram o caixão com ela em cima do morro. Cada dia, um anão vigiava. Passava o dia e a noite, cada dia um anão estava lá.

Enquanto isso, um príncipe vai caçar. Saiu caçando, passou lá e viu esse caixão. Foi até perto ver o quê que era. Aí, o anão contou o caso pra ele e ele falou que queria ver. O anão concordou e abriu o caixão. Quando abriu, o príncipe ficou bobo de ver a beleza da moça. Ela estava bonita. Ela não desmanchou nada, que ela não estava morta nada. Ela estava era com encanto, por causa da fruta. O príncipe resolveu comprar o caixão e disse:

— Dou uma fortuna a troco desse caixão.

O anão respondeu.

— Não, esse caixão não tem preço. Nós não vendemos ela não. Se o senhor quiser, nós damos de presente pro senhor, mas o senhor tem que levar nós tudo. Nós queremos ir para o palácio também.

Aí, os anões foram todos com o príncipe, levando o



caixão com Branca de Neve. No que tá caminhando, no que tá balançando, o pedaço da maçã espirrou lá longe. Acabou o encanto e ela sentou no caixão. Nesse momento, o príncipe quase morreu de alegria.

Em seguida, ela foi com eles para o palácio e o príncipe marcou o casamento. Ele ia casar com Branca de Neve. Mandou convidar muita gente para a festa. Convidou o rei, pai de Branca de Neve, e também a rainha, sua madrasta. Eles foram todos para a festa, sem saber quem era a noiva. Mas quando a madrasta viu que a noiva era Branca de Neve, viva, e casando com um príncipe, ela morreu. Morreu de raiva e acabou a história.

Maria Raimunda de Brito Bastos
20/11/1982



Diz que tinha uma moça que vivia só vestida de branco, de noiva. Usava sempre sapato branco, vestido branco e grinalda. Ela tinha uma horta e aguava a horta de vestido branco. Ia aguar. E perto da casa dela tinha um palácio dum príncipe solteiro. Então, quando ele tava lá na janela, via ela descer pra ir aguar a horta. Ficava implicado com ela, porque ela ia aguar a horta vestida daquele jeito.

Um dia, quando ela ia passando, o príncipe falou pra ela assim:

— Sabina, minha senhora, quantas folhas tem a manjerona?

Ela respondeu pra ele:

— Príncipe, senhor, quantas estrelas tem no céu?

Ele num pôde falar pra ela quantas estrelas tinha no céu, nem ela pôde falar pra ele quantas folhas tinha a mangerona. Ele ficou com muita raiva dela, muita raiva mesmo. Alguns dias depois, quando ele viu a Sabina de novo, ele perguntou a ela:

— Sabina, senhora, quantas folhas tem a mangerona?

Ela respondeu:

— Príncipe, senhor, quantas estrelas tem no céu?

Ele ficou ainda mais enfezado com ela.

Algum tempo depois, o príncipe deixou o palácio e foi até a casa do pai de Sabina, que era sapateiro, e pediu-lhe um copo d'água. Ao invés dele mandar a filha buscar a água, ele mesmo foi. Enquanto ele saiu da sala, o príncipe ergueu o véu assim e beijou o rosto dela. Ela enfezou demais com ele por isso. Logo que ele saiu, ela disse para o pai dela assim:

— Oh, meu pai, eu vou fingir de negra, de escrava. Quero que o senhor amarre o meu braço pra trás e vá me vender pra esse príncipe.

O pai perguntou se ela estava louca, mas ela respondeu:

— Não, eu quero mesmo que o senhor vá me vender pra esse príncipe. O senhor tem que me vender pra esse príncipe.

Disposta a resolver logo a questão, ela chamou o escravo do príncipe e disse a ele:

— Oh, meu pai vai me vender como escrava pro seu senhor por quatro mil. E eu vou te dar esses quatro mil, pra você me jogar da banda de dentro do meu muro e amarrar um bode em meu lugar, perto da cama do príncipe.

O escravo então respondeu:

— Está tudo tratado. Pode marcar o dia.

No dia marcado, o pai de Sabina tingiu bem ela, pôs cabelo pixaim, arrumou e foi. Chegou lá, vendeu ela por quatro mil para o príncipe. Nesse tempo, quando compravam um negro, ele era amarrado aos pés da cama do senhor, pra ser bem examinado por ele. Terminado o ne-

gocio, ele mandou amarrar Sabina nos pés de sua cama. Mas logo que o príncipe se afastou, o negro soltou ela e a jogou da banda de fora do muro, amarrando um bode em seu lugar, perto da cama. Quando ele vai lá espiar a escrava comprada, tá lá o bode berrando: "Bééé"... "Bééé"... "Bééé"... Quando o príncipe descobriu tudo, quase morre de ódio dela, mas Sabina já estava longe, dentro de sua casa.

Quando foi outro dia, que Sabina passou por ele, ele perguntou de novo:

— Sabina, senhora, quantas folhas tem a mangerona?

Ela respondeu:

— Príncipe, senhor, quantas estrelas tem no céu?

Ele ainda falou pra ela:

— E o beijo debaixo do véu?

E ela respondeu pra ele:

— E o bode bé... bé... béu?

Aí foi que ele danou mesmo, ficou ainda mais enfezado.

Acontece que esse príncipe tava de casamento tratado. Ele ia casar com uma princesa que não era lá muito ladina não. Era meio sabangada, mas muito rica. Fez os convites do casamento e enviou para os convidados que iam ficar três dias no palácio, onde ia ter bailes, festas, essas coisas. Sabina, que também foi convidada, decidiu participar das festas e mandou fazer três vestidos, cada qual mais bonito. Quando ela tava lá dançando, a noiva do príncipe falou assim pra ela:

— Ih, mas esse seu vestido é muito bonito!

— Você quer ele pra você?

— Sim.

— Eu te dou, mas em troca duma coisa. Em troca de dormir lá na sua cama enquanto você dorme na minha.

Ela sabia que a cama da princesa ficava dentro do quarto do príncipe. Sabina ficou contente porque a princesa aceitou a troca. Nos três dias de baile, ela deu seus vestidos todos pra princesa. No derradeiro dia de festa, Sabina raspou a cabeça da princesa, passou azeite e depois passou pó.

A fuga da
princesa

perguntou:

— E você?... Os outros tudo encomenda presente e eu trago. Mas você nunca encomenda nada.

Ele falou:

— Ah, meu pai, é porque eu sei que o quê eu quero você nunca acha.

O velho falou:

— Então tá.

E foi passear. Foi na cidade que ele queria conhecer.

Lá, ele passeando na cidade, desceu rua abaixo e viu uma princesa na janela... Aí, ele lembrou do que o seu filho queria e falou:

— É, meu filho quer uma moça muito bonita pra ele casar... Então deve ser aquela.

Pensou como é que ele fazia... Arrumou um retratista, combinou com o retratista de tirar ao menos um retrato da princesa. Ela saía de hora marcada, no derradeiro andar do castelo.

Quando ela saiu na janela, ele tirou o retrato, revelou e entregou para o velho.

E o velho foi novamente viajar. Quando chegou em casa, trouxe dois presentes para os dois filhos mais velhos. O mais novo ficou quieto. Não tinha jeito de arranjar o que ele queria. Aí, então, o velho falou:

— Uai, meu filho, você não me pergunta por nada?

— É que eu sei que não tem jeito mesmo.

— Não, mas ao menos a semelhança está ali, dentro de uma caixeta... Vai lá e olha.

Aí ele foi. Chegou lá, olhou o retrato da princesa e se arrepiou todo. Ela era muito bonita e até alumiada.

Desse dia em diante, o rapaz falou que só servia ir passear nessa cidade. Nesse tempo, não tinha condução, não tinha carro. Arreou, então, uma mula, despediu-se do velho e da mãe e se mandou.

Chegou na cidade, tá passeando, passeando... Achou o palácio do rei e ficou lá, em frente, esperando. Quando a

princesa saiu na janela, olhou o retrato. Olhou, conferiu. Era ela mesmo.

Aí ele ficou sem saber como fazia para ter um encontro com a princesa... Desceu rua abaixo... Eivinha uma velhinha arcada. Então ele pensou: "Toda velha costuma dar jeito em muita coisa..." Aí ele falou com ela:

— Ai minha vó, quem sabe você dá um jeito pra mim. Eu tenho vontade de casar com a princesa, mas ela é rodeada de rei e rainha. Não tá tendo jeito d'eu chegar perto dela. Dá um jeito pra mim.

A velhinha falou:

— Ah, meu filho, não tem jeito não.

Ele falou:

— Não, nós vamos dar um jeito. Eu vou fazer um bilhetezinho e a senhora põe o bilhetezinho debaixo do solado da chinela.

A velha respondeu:

— E, mas na hora que eu chegar lá na rainha, ela não deixa eu passar.

— Não, deixa sim. Chega lá, você fala assim pra rainha: "Oh, faz tantos anos que eu moro aqui nessa cidade, já estou no fim da vida. Eu acho que se eu morrer sem conhecer a princesa até minha alma é chutada". Falando assim, ela deixa você passar.

— Então vamos ver, falou a velha com jeitinho.

Quando ela chegou lá no palácio, a rainha ficou brava:

— Não, não pode passar, porque aqui nunca passou ninguém.

— Não, mas eu quero ver a princesa de perto. Deixa eu passar... Eu acho que se eu morrer sem ver a princesa de perto minha alma não sai não.

— Então vai.

A velhinha foi. Quando chegou lá no abrigo do rei, foi pior:

— Não dá pra passar.

Aí ela falou para o rei:

— É pra fazer a barba dele, fazer no jeito aí...
Depois mandou ir atrás do padre:
— Fala para o padre vir cá, para fazer um casamento.
O padre veio. Enquanto isso eles entraram para o quarto. Aí a princesa se revelou. Quando saíram de dentro do quarto, o casal de noivos chegava a lumiar. Aí então, o padre fez o casamento. A princesa e o moço se casaram. É por isso que a gente fala que casamento é sorte.

Gaudêncio Rodrigues da Silva
20/09/1982

História de Pedro Malazarte

Malazarte em cima da árvore respondeu:

— Você num viu um cavalo alazão aí não?

O rei ficou muito enfezado com ele. Mandou ele descer e falou pra ele ir pra dentro que ele ia lá acertar as contas com ele. Quando chegou lá dentro, o rei falou com seu empregado:

— Leva Pedro Malazarte pra ir trabalhar o dia inteiro com essa cachorrinha. Só na hora que essa cachorrinha vier comer, é que ele vem. Se a cachorrinha num vier, ele num vem. Antes que eles saíssem, os empregados deram bastante comida pra cachorra. E o Pedro foi sem comer pra o serviço. Então, o Pedro tava trabalhando, trabalhando, trabalhando, e a cachorra nunca saía, porque tava com a barriga cheia. Já morto de fome, ele cortou uma vara, deu bastante na cachorra e ela ganhou o caminho de casa. Ele também veio atrás. Quando ele chegou lá, o rei falou:

— Ah, mas você veio fora de hora, agora mesmo que você foi!

Ele respondeu:

— É mais de meio dia, estou sem comer até agora. A cachorrinha também tá com fome, ela veio pra comer. Eu também vim. Aí o rei foi obrigado a dar comida a ele. Ele comeu e voltou pro serviço. Quando foi de tarde, o sol lá-vai, lá-vai e nada da cachorrinha sair, porque tava com a barriga cheia. Então vai de novo o Pedro Malazarte e “tum-dum”, sapeca a cachorrinha na taca. Ela logo ganhou o caminho de casa e ele também. Chegou lá, comeu. E o rei ficou muito enfezado dele comer.

Algum tempo depois, o rei chamou Malazarte e disse:

— Aqui é assim, Pedro. Se você num der conta do serviço, eu tiro três lascas das suas costas, três lascas do couro das suas costas. Agora, se você der conta, você tira da minha três lascas de couro.

Nos primeiros dias, ele deu conta do serviço. Chegou perto do rei e falou:

— Hoje é dia de sair lasca do corpo.

O rei então respondeu:

— Não senhor. Eu vou dar mais um serviço pra você. Eu vou escrever uma carta pra você levar pra meu compadre. Depois que você vier dessa viagem é que nós vamos ajustar as contas.

Esse compadre do rei era um gigante que morava por perto.

Antes de escrever a carta, o rei perguntou a Malazarte se ele sabia ler e ele respondeu que não. Ele sabia ler demais, mas mentiu, falou que não sabia.

O rei escreveu a carta, deu pro Malazarte, e ele foi levar. No caminho, ele abriu a carta. Leu e descobriu que o rei estava mandando o gigante matar ele. Quando ele chegou lá, entregou a carta pro gigante, já sabendo o que a carta dizia.

À noite, o gigante deu um quarto pra ele deitar e armou um machado bem na cabeça dele. Quando ele estivesse dormindo, eles puxavam a corda lá dentro, o machado caía na cabeça dele e matava. Mas como ele era pequetito, ele olhou pra riba, viu o machado, se encolheu num cantinho lá atrás e ficou. Quando o machado caiu, ele tava muito longe do machado.

No outro dia, ele levantou cedo. Quando o rei e o gigante levantaram, ele já estava de pé. Eles disseram então:

— Uai, mas você está aí?!

Ele respondeu:

— Estou esperando o café que o senhor vai me dar pra beber.

O gigante, então, deu café pra ele.

Depois disso, Pedro Malazarte voltou para o palácio. Nesse momento, o rei comentou com sua mulher:

— Esse daí tá custoso, mulher. Tá difícil dar jeito nele. Ele é danado! Tá custoso.

Daí a pouco, o rei foi até Pedro Malazarte e falou pra ele:

— Oh, hoje você vai lá na casa do compadre gigante.

Outro gigante que é meu compadre. Eu vou falar pra ele que você vai trabalhar lá.

Quando Pedro Malazarte chegou lá, falou com o gigante sobre o serviço e ele lhe respondeu:

— Ah, meu serviço aqui é assim: você tem que trabalhar o dia inteirinho, só com um ovo e um pedaço de pão. Se você agüentar, você fica. Se você não agüentar, eu mato você.

Na hora da dita refeição, ele falou:

— Então me dá o ovo e o pão.

Deram o ovo, o pão e uma tigela pra ele. Ele quebrou o ovo, pôs o pedaço de pão e ficou muito seco. Prontamente ele disse:

— Tá seco demais, me dá outro ovo.

Deram outro ovo pra ele. Ele quebrou e disse:

— Ih, agora ficou molhado demais, me dá mais um pedaço de pão.

Deram mais um pedaço de pão, e ele disse de novo:

— Tá duro, muito duro, eu quero mais um ovo.

Entregam mais um ovo pra ele. Ele tornou a quebrar, jogou dentro da tigela e disse:

— Amoleceu, me dá mais um pedaço de pão.

Deram mais um pedaço de pão pra ele e assim foi indo até encher a tigela. Quando a tigela encheu, ele comeu aquela quantidade enorme de pão com ovo. Trabalhou como quis o dia inteiro. Quando veio embora de tardezinha, ainda tava com a barriga cheia. Aí foi uns três dias assim.

Logo depois, Pedro Malazarte voltou para ajustar as contas com o rei.

Como o rei não deu conta dele mesmo, ele foi na cacunda do rei, tirou as três lascas de couro e... aqui ó, saiu num carreirão.

Maria Raimunda de Brito Bastos

19/01/1982